

A criança do Lapedo e as origens do homem moderno na Península Ibérica

João Zilhão
Faculdade de Letras de Lisboa

Nota: este texto corresponde à lição proferida pelo autor em sede de provas de agregação realizadas na Universidade do Algarve em 18 de Maio de 2004

1. O debate sobre as origens do homem moderno

Durante as três últimas décadas do século XX, o debate sobre as origens da humanidade actual girou em torno de duas posições fortemente polarizadas (Fig. 1). Um modelo, a **Hipótese Multiregional**, sustentava que, após a saída de África do *Homo erectus*, há mais de um milhão de anos, a nossa evolução se deu num quadro de fluxo genético permanente entre as diferentes regiões do Velho Mundo, pelo que todas as populações do género *Homo*, independentemente do seu maior ou menor grau de isolamento geográfico, teriam sempre constituído uma única espécie. Essa espécie única teria evoluído de forma gradual, representando os neandertalenses um ponto intermédio na passagem do “estádio” *erectus* ao “estádio” *sapiens*; na Europa, portanto, teria havido continuidade genética total entre os últimos neandertalenses e os primeiros *sapiens*, resultando estes últimos da transformação evolutiva dos primeiros.

A posição diametralmente oposta, a da **Origem Africana Recente**, sustentava que o isolamento geográfico posterior à expansão para fora de África do *Homo erectus* teria levado, por deriva genética, à emergência de espécies distintas no pleno sentido biológico do termo; a transformação gradual do *Homo erectus* em *Homo sapiens* teria ocorrido apenas em África, e a Humanidade actual descenderia na sua totalidade dessa espécie-mãe africana. Há cerca de 50 mil anos, esta última teria começado a expandir-se em direcção à Eurásia, causando a extinção das espécies-irmãs que, como os neandertalenses europeus, se tinham ido diferenciando a partir do *Homo erectus* ancestral ao longo de centenas de milhares de anos de evolução separada. Nas suas versões mais extremas, este modelo postulava uma relação de causa-efeito directa entre a aquisição da morfologia moderna e a aquisição de capacidades de pensamento abstracto, simbólico, supostamente até então inexistentes. Atribuía-se assim aos *Homo sapiens* africanos uma superioridade intelectual e cultural que, por si só, bastaria para explicar o seu triunfo e a razão por que os Neandertais tinham desaparecido de forma tão rápida, completa e absoluta: nem a anatomia das suas faringes nem as capacidades dos seus cérebros tinham permitido ou sido suficientes para que entre eles tivesse surgido a

linguagem, a arte ou, em poucas palavras, uma cultura plenamente humana tal como a entendemos hoje em dia.

Diversos estudos e descobertas realizados ao longo da última década permitiram superar esta confrontação tão polarizada. Por um lado, demonstrou-se que os Neandertais tinham sobrevivido em diversas regiões da Eurásia até 30 000 anos antes do presente. Existindo restos humanos de anatomia moderna na Europa desde há cerca de 35 000 anos, isso significava automaticamente que os primeiros europeus modernos não podiam de forma alguma resultar de um processo de evolução local dos Neandertais, pondo em causa um dos mais importantes postulados do multiregionalismo. Por outro lado, por muito que os resultados da análise do ADN mitocondrial de fósseis neandertalenses da Alemanha, Croácia e Cáucaso tenham sido muitas vezes apresentados como comprovação definitiva dos modelos de substituição completa, a verdade é que vieram também a pôr em causa um dos aspectos centrais de tais modelos.

Com efeito, que os Neandertais eram diferentes de nós e se encontram extintos não é novidade; o facto de o seu ADN se encontrar fora da margem de variação observada na humanidade actual apenas confirma de forma independente o que há mais de cem anos sabemos com base na morfologia do esqueleto. A combinação de ausência de queixo, prognatismo facial acentuado, fronte fugidia, crânio alongado de perfil circular, “carrapito” ósseo no occipital, arcadas supraciliares espessas e salientes, ossos dos membros muito robustos, denotando hipertrofia muscular e, de um modo geral, extraordinária robustez física num corpo de proporções hiperárcticas, são, entre muitas outras, características que, embora ainda hoje possam ocorrer isoladamente, não se encontram de forma combinada num mesmo indivíduo nem hoje nem em nenhum esqueleto fóssil dos últimos 30 000 anos.

A questão com os Neandertais, por isso, não é se eram ou não diferentes, mas sim quão diferentes eram. Ora, a diferença com o nosso ADN é inferior à que se pode encontrar entre quaisquer dois indivíduos seleccionados aleatoriamente no interior de uma mesma população de uma mesma subespécie do nosso parente vivo mais próximo, o chimpanzé; ou seja, os Neandertais poderiam quando muito ter constituído uma subespécie diferente, nunca uma espécie separada. Vistas as coisas pelo prisma do que se passa no resto do mundo animal, e em especial entre os Primatas superiores, não são os Neandertais que aparecem como anómalos, é a humanidade actual que aparece como estranhamente homogénea.

Tal grau de homogeneidade é consentâneo com a noção de uma origem recente, mas não obriga a considerar os Neandertais como uma espécie distinta. Há que ter claro, com efeito, que a definição biológica de espécie – são espécies diferentes duas populações cujos integrantes não se reproduzem uns com os outros, ou cujo cruzamento resulta em descendência inviável ou estéril – é inaplicável em Paleontologia, pela simples razão

de não nos ser possível a observação directa dos comportamentos reprodutivos do passado. Por outro lado, não há nenhuma relação directa entre variabilidade morfológica e variabilidade genética: há espécies geneticamente muito diversas que são morfológicamente muito uniformes, e vice-versa. Neste contexto, a inferência de isolamento faz-se necessariamente a partir da consideração conjugada de uma presença e de uma ausência: a presença recorrente de diferenças na morfologia do esqueleto; e a ausência de casos que, em relação aos traços considerados diagnosticantes, apresentem morfologias intermédias ou transicionais. O argumento de que, estando provado que os Neandertais são uma espécie diferente, a miscigenação com os modernos teria sido inviável, a existência de indivíduos em cujos esqueletos se combinassem traços de uns, traços de outros e traços intermédios, impossível, e qualquer proposta nesse sentido, por definição, inaceitável, não passa, deste modo, de uma simples petição de princípio: a conclusão já está contida nas premissas. Em Paleontologia, o método científico leva a conclusão diametralmente oposta: ante a descoberta de indivíduos apresentando um tal mosaico de características, obriga a concluir que populações que até então se julgava terem pertencido a espécies diferentes deverão afinal ser reclassificadas como uma só espécie. Mais importante, no entanto, é que, do ponto de vista empírico, o argumento é irrelevante, visto que a existência de populações viáveis resultantes de processos de hibridação entre espécies e até géneros diferentes de babuínos e de outros Primatas prova a possibilidade de miscigenação entre Modernos e Neandertais mesmo que estes últimos tivessem constituído uma espécie biológica distinta.

Outro importante avanço recente foi a demonstração de que é completamente desprovida de fundamento a noção de que os Neandertais sofreriam de uma inferioridade cultural congénita, de fundamento biológico. A descoberta da sepultura neandertalense de Kebara, em Israel, forneceu pela primeira vez em bom estado de conservação um osso hióide, único elemento do esqueleto relacionado com as áreas do corpo humano responsáveis pela fala. Verificou-se que esse hióide era em tudo idêntico ao nosso, ao mesmo tempo que outros estudos demonstravam nada haver na anatomia da base do crânio dos neandertalenses que permitisse sustentar a hipótese de que estariam anatomicamente incapacitados de ter uma linguagem elaborada. Comprovou-se também que a civilização Castelperronense, que floresceu na região franco-cantábrica há cerca de 40 000 anos, e onde pela primeira vez surgem objectos de adorno pessoal e utensílios em osso com decoração artística, tinha sido obra dos neandertalenses e não, como muitos haviam especulado, dos primeiros homens modernos. Por muito diferentes que fossem em diversos aspectos da sua anatomia, do ponto de vista cultural Modernos e Neandertais haviam atingido, há 35-40 000 anos, níveis de desenvolvimento inteiramente equivalentes.

Estes factos fizeram com que fosse ganhando cada vez mais peso no mundo científico uma posição intermédia: a de que, aceitando uma origem africana recente para o tipo

físico moderno, postula que o desaparecimento de tipos físicos arcaicos autóctones como o dos Neandertais terá sido o resultado final de uma história de interações biológicas e culturais longa e complexa, em que tanto podem ter jogado um papel importante os fenómenos de extinção local como os actos de extermínio ou os processos de miscigenação. Esta posição intermédia baseava-se nomeadamente na verificação, feita nos inícios dos anos 70 do século XX, de que os restos humanos aurignacenses de Mladeč, na Morávia, com uma antiguidade compreendida entre cerca de 27 000 e cerca de 34 000 anos, apesar de serem claramente de tipo moderno, apresentavam uma série de traços anatómicos arcaicos de tipo neandertalense. Esses restos, no entanto, são fragmentários, e a interpretação dos traços nem sempre podia ser isentada de ambiguidades. Com a descoberta, em 1998, do esqueleto completo da criança do Lapedo, porém, esta posição intermédia de **Origem Recente com Miscigenação** adquiriu a forte prova empírica que lhe faltava para se transformar no mais convincente modelo das origens da humanidade actual.

2. O Abrigo do Lagar Velho (Lapedo, Leiria)

O Lapedo é uma estreita garganta com cerca de 2 km de comprimento escavada pela ribeira da Caranguejeira entre as povoações de Palmeira e Carrasqueira, perto de Leiria. Da acção das águas ao longo de centenas de milhares de anos resultou uma paisagem característica, de paredes quase verticais, com algumas grutas e numerosos abrigos sob rocha, as “lapas” para que remete o nome do vale.

O “Abrigo do Lagar Velho” (Fig. 2) fica no lado sul do último meandro que a ribeira faz antes de sair da garganta. Uma terraplanagem aí realizada em finais de 1994 pelo proprietário dos terrenos removeu a parte superior do depósito de colmatação do abrigo numa espessura de 2 a 3 m, e decapou a respectiva parede de fundo numa extensão superior a 30 m. Reconhecida por arqueólogos que, em finais de Novembro de 1998, percorriam o vale em trabalho de rotina, esta situação precipitou uma inspecção mais detalhada do sítio e a descoberta da sepultura de um indivíduo infantil falecido há cerca de 25 000 anos, “a criança do Lapedo”.

A escavação arqueológica de emergência desencadeada de seguida revelou que o esqueleto da criança (Fig. 3) jazia a poucos centímetros de profundidade. A terraplanagem tinha-o afectado na zona do crânio, que a retroescavadora partiu e cujos fragmentos dispersou por toda a área envolvente, mas o resto do contexto sepulcral havia sido miraculosamente preservado. Essa preservação deveu-se em grande medida ao facto de o local escolhido para o enterramento corresponder a uma reentrância da parede, ao abrigo de um saliente rochoso que protegeu a sepultura da acção da máquina.

Durante muito tempo, o sítio deve ter correspondido a um terreno isolado e húmi-

do, pouco próprio para habitação, pelo que não se encontraram quaisquer vestígios de outras actividades humanas coevas. Tudo indica, também, que o seu uso funerário se terá limitado a este caso singular. Com efeito, se outros contextos sepulcrais tivessem existido nos depósitos destruídos pela terraplanagem, certamente que algum vestígio de tal existência teria ficado registado nos mais de 56 m² e mais de 5 m³ de sedimentos revolvidos que os trabalhos arqueológicos recuperaram e triaram com extrema minúcia. Todos os restos humanos assim encontrados, porém, correspondiam a partes em falta no esqueleto infantil, provenientes das zonas da fossa sepulcral marginalmente afectadas pela terraplanagem.

Há cerca de 23 000 anos, o encaixamento da linha de água e o clima mais rigoroso e mais seco levaram a um nivelamento do chão do abrigo, propiciado pela rápida acumulação de sedimentos provenientes da erosão dos solos que cobriam as vertentes circundantes. Em consequência, a área habitável protegida pela pala do abrigo cresceu substancialmente, e o sítio passou a ser usado como lugar de acampamento episódico de pequenos grupos de caçadores de veados. Mais tarde, ao longo de todo o milénio começado há cerca de 21 000 anos, uma nova etapa de ocupação humana revestir-se-á de características mais intensivas. Os abundantíssimos vestígios de fogo (carvão da madeira de pinheiro silvestre, de urze e de outras plantas arbustivas queimada nas lareiras, bem como os seixos partidos e rubefactos nelas utilizados), e o abandono de grandes quantidades de resíduos, incluindo ossos de animais trazidos de longe, como os de um pequeno cetáceo, provavelmente um golfinho (a costa de então, devido ao abaixamento acentuado do nível do mar, situava-se a cerca de 50 km de distância), sugerem ocupações de natureza residencial.

3. O contexto sepulcral

Há indícios de que uma mamoa de terra e pedras tenha sido colocada por cima da sepultura após a inumação, mas a destruição dos depósitos sobrejacentes não permite uma certeza completa. A sepultura propriamente dita correspondia a uma fossa pouco funda (10-15 cm) propositadamente escavada para o efeito em depósitos coevos. Após a abertura da fossa, a segunda etapa da cerimónia consistiu na queima, no fundo da mesma, de uma ramada de pinheiro-silvestre. O corpo foi depositado sobre as cinzas arrefecidas, estendido e de costas, ligeiramente inclinado para a esquerda e com as pernas um pouco flectidas. A zona da bacia assentou na parte mais funda da fossa, tendo a cabeça e os pés ficado em posição um pouco mais elevada; os braços jaziam paralelamente ao corpo, a mão direita descansando ao lado da coxa com os dedos abertos, e os pés foram postos bem juntos, de forma cuidadosa e deliberada (Fig. 4).

A coloração avermelhada dos ossos e dos sedimentos da sepultura explica-se pelo facto de a criança ter sido envolta numa mortalha, provavelmente uma pele de veado curtida e tingida com ocre, pigmento relativamente comum e extensivamente usado desde precoces tempos pré-históricos. É o que se depreende de dois factos bem visíveis: o de a coloração dos ossos afectar tanto as respectivas faces superiores como as inferiores, o que significa que o morto estava completamente envolvido pelo material a que se aplicara o pigmento (e não simplesmente coberto por ou deitado sobre esse material); e o de a mancha de cor idêntica marcando os sedimentos envolventes ter limites bem definidos e estritamente coincidentes com os do contorno do corpo de uma criança de quatro a cinco anos de idade. Estas observações explicam-se facilmente no quadro de um processo de decomposição orgânica, em resultado do qual o pigmento mineral se foi gradualmente transferindo para os sedimentos e para os ossos com que a mortalha se encontrava em contacto.

Não sendo possível determinar se, sob a mortalha, o corpo se encontrava vestido ou nu, é pelo menos claro que a criança vinha enfeitada com adornos (Fig. 5). Chegaram até nós duas conchas perfuradas da espécie *Littorina obtusata* (burrié), uma delas achada *in situ* na zona do pescoço. Pertenceriam por isso, provavelmente, a um colar cujos restantes componentes (o fio, bem como outros eventuais adornos fabricados em matérias-primas perecíveis) não sobreviveram até nós. Em estreita associação com uma concentração de fragmentos de crânio partidos e removidos pela terraplanagem encontraram-se quatro dentes de veado perfurados, dois grandes (pertencentes a machos diferentes) e dois pequenos (pertencentes a fêmeas também elas diferentes). O estudo tecnológico destas peças e os paralelos arqueológicos conhecidos sugerem que, originalmente, estes objectos deverão ter formado uma composição simétrica (os de veado ao meio, ladeados pelos de cerva). Quanto ao uso, tanto se poderá ter tratado de enfeites cosidos num gorro como de parte de um diadema.

Uma pélvis direita de veado, junto aos pés da criança, e uma pélvis esquerda, junto ao seu ombro direito, devem corresponder a partes de carne oferecidas ao morto em momento imediatamente posterior ao da deposição do cadáver e imediatamente anterior ao do reenchimento da fossa. Com efeito, estes ossos não estavam tingidos de ocre, o que implica que estavam fora da mortalha. Por outro lado, tudo leva a crer que não possam corresponder a ossos previamente abandonados no local e cuja associação ao contexto sepulcral fosse puramente accidental, uma vez que o seu excelente estado de conservação contrasta fortemente com o dos ossos recolhidos nos depósitos subjacentes e adjacentes, quase todos eles mordidos ou corroídos pela acção dos carnívoros.

Atravessados sobre as pernas da criança, foram encontrados restos do esqueleto de um juvenil de coelho, mais precisamente uma porção articulada da coluna vertebral e correspondentes costelas. Diversos outros elementos do mesmo indivíduo foram reco-

lhidos no interior da fossa sepulcral, dispersos por entre o esqueleto humano. Esta estreita associação permite excluir a hipótese de estarmos perante vestígios da penetração *in vivo*, em época posterior, de um animal que tivesse escavado a toca onde viria a morrer nos sedimentos que embalavam a sepultura; a ser assim, a escavação dessa toca teria inevitavelmente afectado o esqueleto, modificando a disposição e conexões anatómicas dos ossos da criança, o que não aconteceu. Por outro lado, a sobrevivência em articulação de uma porção significativa do esqueleto do juvenil de coelho, bem como o posicionamento estratigráfico dessa porção (por cima de e em contacto directo com as tíbias da criança), permitem excluir a hipótese de se tratar de restos preexistentes acumulados naturalmente e que tivessem passado a integrar o contexto sepulcral de forma puramente accidental, por exemplo em resultado do reenchimento da fossa; a ser assim, as conexões anatómicas dos diferentes elementos do esqueleto de um tão pequeno animal ter-se-iam irremediavelmente perdido, em contraste com o observado. O reduzido grau de dispersão registado, finalmente, é consentâneo com a hipótese de se tratar de uma oferenda colocada sobre a mortalha, antes do reenchimento da fossa, facilitando uma rápida decomposição do cadáver do coelho e subsequente desagregação parcial do seu esqueleto.

O significado exacto destas oferendas não pode ser reconstituído. É comum nas crenças das sociedades de caçadores-recolectores a necessidade de depositar comida com o morto, que geralmente se supõe ter simplesmente passado a uma etapa diferente do ciclo vital. No caso do coelho, chama a atenção que se trate de um animal imaturo. Tendo em conta o facto de, neste caso, o morto ser também uma criança de pouca idade, é provável que a associação resulte de uma escolha intencional e não de simples casualidade. Em todo o caso, a datação pelo radiocarbono destas oferendas, bem como a de carvões da ramada de pinheiro-silvestre cuja queima formou o leito de cinzas que cobria o fundo da fossa sepulcral, mostrou que todos estes elementos eram efectivamente contemporâneos, validando de forma independente a reconstituição do cerimonial inferida a partir dos dados arqueológicos.

4. Implicações culturais e relevância científica

Pela sua raridade, e pelo seu potencial informativo para a compreensão da evolução biológica humana e da história da cultura nas suas fases formativas, a descoberta de sepulturas paleolíticas é sempre um acontecimento científico relevante. No caso da criança do Lapedo, acresce que se tratava da primeira (e até hoje única) sepultura paleolítica jamais encontrada não só em Portugal como em toda a Península Ibérica. Além disso, sendo contemporânea da fase mais antiga do ciclo de arte paleolítica do vale do

Côa, a sepultura do Abrigo do Lagar Velho permitiu também a obtenção, pela primeira vez, de um “retrato do artista quando criança”.

Por outro lado, era também a primeira vez desde 1868 (data da descoberta dos esqueletos de Cro-Magnon) que apareciam sepulturas do Paleolítico Superior inicial a oeste da linha Reno-Ródano, região da Europa ocidental que desde meados do século XIX tem desempenhado um papel crucial, pela intensidade das investigações e densidade dos achados, no esclarecimento de muitas questões-chave desta época-charneira da evolução humana. Foi com efeito neste período, situado entre cerca de 40 000 e cerca de 20 000 anos antes do presente (ao todo apenas 20 000 anos, muito pouco, à escala dos dois milhões de anos de evolução humana anterior), que se deu a emergência da arte figurativa e que, na Eurásia, as populações de tipo físico neandertalense deram lugar a grupos de morfologia moderna. Felizmente, a Europa central e oriental têm podido colmatar em parte esta lacuna nos nossos conhecimentos sobre os ritos relacionados com a morte e o enterramento devido ao achado na Itália, Morávia e Rússia, ao longo dos últimos cem anos, de numerosas sepulturas datadas da parte final do intervalo, isto é, do período compreendido entre 27 000 e 24 000 anos antes do presente.

É neste período de três mil anos que surge a civilização do Paleolítico Superior conhecida como Gravettense. Antes dela, floresceu na Europa a civilização Aurignacense, cujos mais antigos vestígios datam de há cerca de 36 500 anos. A sua dispersão pelo continente parece estar relacionada com a penetração, por via próximo-oriental, dos primeiros grupos humanos de tipo físico moderno, hipótese que é consentânea com o elevado grau de uniformidade tecnológica que caracteriza esta civilização, no seio da qual, há cerca de 32 000 anos, surgem as primeiras manifestações de arte figurativa. A partir do Gravettense, porém, começam a reconhecer-se diferenças significativas entre a Europa ocidental e central no domínio das técnicas de talhe do sílex, ao ponto de muitos autores preferirem utilizar o termo Pavlovense para designar os horizontes culturais coevos da Morávia e regiões adjacentes. Apesar disso, o registo arqueológico apresenta provas numerosas da existência a outros níveis de tradições culturais partilhadas. É o caso, por exemplo, da distribuição alargada, dos Urais aos Pirenéus, das famosas estatuetas femininas conhecidas como “Vénus”. Ou, para o caso mais restrito da Europa ocidental, da notável semelhança de estilos e motivos que se encontra ao comparar, por exemplo, a arte rupestre gravettense do vale do Ródano francês e do vale do Côa português: apesar do afastamento geográfico considerável, dá muitas vezes a impressão que as figuras comparadas podiam ter sido executadas, senão pela mesma mão, pelo menos por artistas da mesma “escola”.

As características do ritual funerário documentado na sepultura da criança do Lapedo reforçam a noção da existência nesta época de um fundo cultural comum a todo o espaço geográfico europeu, incluindo as regiões mais periféricas. Alguns dos elementos

do ritual utilizado, como o uso intensivo do ocre vermelho, são quase universais e têm antecedentes remotos. Mas há coincidências muito significativas ao nível de certos detalhes. É o caso, por exemplo, da “purificação” da fossa sepulcral pelo fogo, antes da deposição do cadáver, que também foi registada nas sepulturas de Sunghir, a norte de Moscovo. Ou do uso sobre a testa de ornamentos constituídos por composições juntando um pequeno número de dentes de veado, como se inferiu para o caso da criança do Lapedo, uso que, por exemplo, se encontra bem documentado na sepultura de um adulto do sexo feminino da gruta de Paglicci, na Itália.

Há um aspecto, porém, em que a descoberta do Lapedo representa uma novidade importante para o nosso conhecimento da cultura das populações desta época: é que nunca até então se tinha encontrado, no Gravettense, um enterramento ritual de criança de tão pouca idade. As mais antigas sepulturas conhecidas são as do Paleolítico Médio, entre cerca de 100 000 e cerca de 30 000 anos antes do presente. Nesta época, os diferentes grupos humanos, independentemente da região geográfica (África, Ásia, Europa), do tipo físico (moderno ou neandertalense) e da civilização tecnológica (Moustierense, Micoquense, *Middle Stone Age* africana, etc.), enterravam os seus mortos sem fazer discriminações quanto a sexo e idade. No Gravettense, porém, não é assim: não há sepulturas de fetos, e as crianças até aos três ou quatro anos de idade ou não eram enterradas ou, nos raros casos conhecidos, eram-no sem qualquer ritual.

A criança do Lapedo, inumada com um tratamento que em nada parece distinguir-se do que na época se dava aos adultos, indica que, a partir dos quatro anos, as coisas mudavam, pelo menos até certo ponto. Com efeito, à semelhança ou identidade de ritual parece contrapor-se uma diferença significativa no que respeita aos lugares de enterramento: não se encontraram adultos sepultados em nenhum dos sítios gravettenses em que havia enterramentos de indivíduos de quatro a doze anos de idade; todas as sepulturas múltiplas que se conhecem juntam adultos ou adolescentes; e, em todas as grutas-“cemitério” utilizadas repetidamente como lugar de enterramento, nenhum dos inumados é uma criança com menos de doze anos, todos são adolescentes ou adultos.

A única excepção a esta norma é a sepultura colectiva de Předmostí, descoberta na Morávia em 1894, e que continha um total de dezoito indivíduos, incluindo idosos, adultos, adolescentes, crianças e bebés. O carácter absolutamente único deste achado leva a crer que ele representa um comportamento excepcional resultante de circunstâncias também elas excepcionais: por exemplo, a inumação cerimonial pelos seus parentes dos membros de um bando de caçadores formado por três ou quatro famílias que terão perecido todas juntas, por acção do frio, da fome ou de qualquer outra catástrofe. Ou seja, o caso de Předmostí deve ser tratado como a excepção que confirma a regra e não como o caso empírico que a invalida. Tanto mais quanto há nesta sepultura uma série de características em tudo consentâneas com as regras de tratamento diferenciado em

função da idade que se inferem a partir das restantes sepulturas gravettenses: os indivíduos de mais tenra idade (Předmostí XI, XII e XIII) estavam todos juntos numa zona separada da estrutura tumular, e as restantes crianças e adolescentes estavam igualmente agrupados numa zona contígua; estes indivíduos, portanto, parecem ter sido “arrumados” na fossa sepulcral em função da sua idade pré-adulta, não em função da sua provável relação de filhos a pais com cada um dos três casais adultos igualmente inumados na estrutura; o centro desta última estava ocupado por dois homens e duas mulheres na força da vida, estando os topos ocupados por um homem e uma mulher mais idosos (Předmostí IV e XIV), que se diferenciavam de todos os restantes pelo facto de os seus corpos se encontrarem cobertos por omoplatas de mamute.

Admitindo que, como é norma nas sociedades humanas histórica ou etnograficamente documentadas, a diferenciação de tratamento na morte reflecte diferenças de estatuto social em vida, estes factos sugerem que, no Gravettense, o nascimento, o desmame e a puberdade representariam momentos marcantes no crescimento pessoal e social dos indivíduos. Passada a prova psicológica, nutricional e imunologicamente traumática que sempre é o desmame, as crianças do Gravettense passavam a gozar de um estatuto particular: pessoas autónomas, tratadas como tal perante a morte (isto é, com direito a enterro ritual), mas, ao contrário dos adolescentes pós-púberes (já capazes de contribuir economicamente para a sociedade), formando um grupo à parte em vida e, na morte, sendo enterradas separadamente e em lugares diferentes.

Como é óbvio, não se pode excluir que nas sociedades humanas anteriores ao Gravettense também já existissem formas de categorização social por classes etárias deste ou de outro tipo, e que os limites dessas classes coincidissem com as mesmas etapas fundamentais da ontogénese. A ser esse o caso, porém, tal diferenciação não se terá materializado em comportamentos arqueologicamente visíveis, ao contrário do que com clareza acontece, pela primeira vez, há 25 000 anos.

5. Anatomia do esqueleto...

O estado de desenvolvimento da dentição da criança do Lapedo indica uma idade compreendida entre quatro anos e seis meses e cinco anos, em boa concordância com o estado de ossificação das epífises dos ossos dos braços e das pernas. O queixo proeminente sugere estarmos perante uma criança do sexo masculino, embora, nestas idades, um diagnóstico seguro seja impossível. A análise dos ossos e dos dentes, incluindo raios-X, não encontrou indícios de patologias do esqueleto, nem de anomalias de crescimento ou enfermidades que pudessem ter constituído causa de morte. Esta permanece portanto por identificar, e poderá ter residido em doença, condição ou acidente que não

deixou quaisquer marcas no esqueleto. Tanto quanto podemos inferir a partir deste último, tratava-se portanto de uma criança normal e saudável, o que significa que, na explicação das suas características anatómicas inesperadas e surpreendentes, se podem excluir à partida causas de natureza ontogenética.

De um modo geral, o tipo físico da criança do Lapedo é, sem dúvida, o “anatomicamente moderno”, isto é, o partilhado por todas as populações humanas actuais que, por isso (e pela sua interfertilidade generalizada), se considera pertencerem a uma só espécie zoológica, o *Homo sapiens*. O queixo muito bem definido, os incisivos e caninos de pequeno tamanho, as proporções da púbis, por exemplo, aproximam-na claramente de nós e afastam-na dos nossos antepassados de tipo físico dito “arcaico”, em particular do homem de Neandertal. Outras das suas características, porém, são virtualmente exclusivas deste último, ou, embora possam ocorrer excepcionalmente nas populações “modernas”, actuais ou passadas, encontram-se entre os neandertalenses de forma quase universal.

É o caso, por exemplo, no crânio, da fossa supra-iniaca (uma pequena depressão na superfície do osso occipital), das fossas *semispinalis capitis*, também na zona do occipital, do espessamento do osso na zona supra-orbital, da largura das apófises zigomáticas. Ou, na mandíbula, do ângulo agudo (em vez de obtuso) formado pela intersecção do plano alveolar com a sínfise mandibular, e da forma em pá dos incisivos inferiores direitos, entre outras. No que se refere aos membros, a robustez dos ossos das pernas e a morfologia particular do úmero, que indicia uma hipertrofia da musculatura do peito e dos braços, são também típicas das populações arcaicas. Especialmente significativo do ponto de vista evolutivo é o facto de o chamado índice crural (isto é, a razão entre o comprimento da tíbia e o do fémur) apresentar um valor bastante baixo, ou seja, de a tíbia e, portanto, indirectamente, a perna, ser muito curta relativamente ao fémur, ou seja, indirectamente, à anca (Fig. 6). Este índice está relacionado com a variação nas proporções do corpo humano na sua totalidade, isto é, no tamanho relativo dos membros e do tronco. Nas espécies de mamíferos com uma distribuição latitudinal alargada (entre as quais o homem), e em obediência à lei de relação entre superfície e volume (que favorece a dissipação do calor nas morfologias “longilíneas” e a sua conservação nas “ataracadas”), a consideração das proporções corporais permite estabelecer um contraste entre populações “tropicais”, caracterizadas por um alongamento relativo das extremidades – o “típico” maratonista queniano ou etíope – e populações “árticas”, caracterizadas pelo seu encurtamento – o típico Inuit (esquimó) ou Sami (lapão) dos livros de Geografia e Etnografia.

Este contraste verifica-se também em todas as populações humanas anteriores a cerca de 30 000 antes do presente para as quais se dispõe de dados, isto é, no essencial, as do Paleolítico Médio, época a partir da qual a introdução de práticas sepulcrais criou

condições de fossilização propícias à conservação de esqueletos completos e articulados. Assim, os primeiros homens de tipo anatomicamente moderno, os fósseis de Skhul e Qafzeh, no Próximo Oriente, com uma antiguidade de cerca de 100 000 anos, apresentam todos eles proporções tropicais. É esse também o caso do fóssil de Naryokotome, esqueleto muito completo de um *Homo erectus* adolescente encontrado na margem ocidental do Lago Turkana (Quênia) e datado de um milhão e meio de anos antes do presente. Os Neandertais eurasiáticos, pelo contrário, apresentam todos eles proporções árticas tão acusadas que por vezes são referidas na bibliografia da especialidade como “hiper-árticas”.

Os mais antigos homens anatomicamente modernos da Europa representados por esqueletos articulados são os das sepulturas gravettenses do período entre 27 000 e 23 000 anos antes do presente a que também pertence a criança do Lapedo. Em contraste marcado com o verificado nesta, porém, os restantes esqueletos desta época indicam todos eles, sem excepção, corpos “tropicais”. Isto apesar de terem pertencido a pessoas que habitavam a Europa numa época (o início da derradeira e mais rigorosa fase da última Idade do Gelo) em que as condições climáticas vigentes eram semelhantes às que actualmente se verificam nas regiões circumpolares habitadas por povos com corpos “árticos”. Essas suas proporções “tropicais” constituem precisamente uma das melhores provas da origem africana dos europeus de tipo físico moderno do início do Paleolítico Superior.

Esta interpretação assenta no pressuposto de que as proporções corporais são uma característica geneticamente condicionada, pelo que a sua alteração requer períodos da ordem das dezenas de milhares de anos, de duração superior à do intervalo de tempo que separa o Gravettense inicial do momento em que os primeiros grupos anatomicamente modernos começaram a chegar à Europa. E, com efeito, é só nos esqueletos dos últimos milénios do Paleolítico Superior, de há menos de 20 000 anos para cá, que começam a surgir, e acabam por se tornar predominantes, as proporções intermédias entre os tipos tropical e ártico que caracterizam os europeus actuais.

O condicionamento genético das proporções corporais está ainda corroborado por uma série de outros factos aceites pela comunidade científica de forma incontroversa. Por exemplo, a observação de que, em populações norte-americanas actuais, a relação entre o tamanho do tronco e o das pernas permite diferenciar os indivíduos de ascendência africana dos de ascendência europeia, mesmo se ainda em fases intra-uterinas da ontogénese. Ou, no registo fóssil, a observação de que os fetos, bebés e crianças neandertalenses (como a criança da sepultura 1 de Dederyieh, na Síria, com uma idade estimada em cerca de 2 anos) apresentam proporções anatómicas idênticas às dos adultos. O corolário destas observações é o de que estamos perante uma característica transmitida hereditariamente e que não é susceptível de modificação resultante da in-

fluência exercida pelo meio no decurso do crescimento. Dito de outro modo, da influência ambiental podem resultar modificações rápidas na estatura média das populações, isto é, no tamanho absoluto das diferentes partes do corpo (como as que no espaço de poucas gerações têm vindo a ocorrer no mundo ocidental em resultado das mudanças alimentares e da melhoria extraordinária das condições gerais de saúde), mas não nas proporções relativas entre elas.

6. ... e seu significado filogenético

Podemos assim excluir do campo das explicações possíveis para a morfologia excepcional da criança do Lapedo a de se tratar de uma adaptação de curto prazo às condições climáticas que então se verificavam em Portugal, onde se estima que a temperatura média anual seria inferior em cerca de 10°C à actual. Por maioria de razão, nas regiões mais setentrionais ou mais continentais da Europa as condições vigentes na época eram tão ou mais rigorosas. No entanto, nem no caso da sepultura de Paviland (no País de Gales) nem no das de Sunguir (a norte de Moscovo), para só citar dois exemplos situados junto ao limite meridional da calote glacial feno-escandinava, se verifica qualquer desvio do tipo tropical em direcção ao ártico nas proporções corporais dos indivíduos enterrados, como seria de esperar no quadro de uma interpretação climática da morfologia da criança do Lapedo.

Na análise do significado evolutivo desta última, o campo dos termos de comparação relevantes está por outro lado limitado ao constituído pelas populações potencialmente ancestrais. As comparações com populações actuais, embora necessárias e pertinentes do ponto de vista funcional (isto é, da biomecânica do esqueleto ou do significado adaptativo de determinados traços anatómicos), são improcedentes do ponto de vista filogenético. Por exemplo, comparar a criança do Lapedo com os Inuit actuais para concluir que as suas proporções anatómicas entram na margem de variação das populações de tipo moderno e, portanto, não são de forma alguma anómalas ou excepcionais, seria totalmente desprovido de sentido: na época em que viveu a criança do Lapedo os Inuit não existiam, pelo que não são antepassados possíveis. O tipo físico dos Inuit resulta de um processo de adaptação ocorrido nos últimos quinze a vinte mil anos e é, portanto, um fenómeno de convergência que mostra como, em populações tão distintas como os Neandertais de há 50 000 anos ou os modernos que hoje somos, a evolução por selecção natural pode, a longo prazo, conduzir a resultados homólogos, sem que daí se possa inferir um vínculo genético directo.

No caso da criança do Lapedo, o registo fóssil só contém dois grupos de antepassados possíveis. O primeiro é o das populações de tipo físico moderno representa-

das pelos esqueletos de há 100 000 anos encontrados em Qafzeh e Skhul e pelos seus descendentes europeus do período entre 35 000 e 25 000 anos antes do presente. O segundo é o das populações de tipo físico neandertalense representadas por centenas de achados dispersos pela Europa e Ásia ocidental, de Portugal ao Uzbequistão, e que se sabe hoje em dia terem sobrevivido em diversas regiões da Europa, e nomeadamente em Portugal e sul de Espanha, até há cerca de 30 000 anos. Algumas das características “estranhas” da criança do Lapedo só ocorrem no segundo grupo, e são desconhecidas no primeiro. A única população humana com essas características e, simultaneamente, com uma distribuição geográfica contígua ou coincidente e uma cronologia anterior mas suficientemente próxima, é a dos últimos Neandertais ibéricos. A conclusão parece portanto incontornável: na criança do Lapedo, ou na população a que ela pertencia, estava presente uma herança genética neandertalense.

De que tipo era essa herança? Não havendo, na Península Ibérica, em época posterior a cerca de 28 000 anos antes do presente, qualquer indício da sobrevivência de populações neandertalenses diferenciadas, três mil anos separam a criança do Lapedo dos últimos Neandertais. Além de significar que as suas proporções corporais não podem resultar de uma adaptação ao clima local de populações que, à sua chegada, eram de morfologia tropical (três milénios não é tempo suficiente para que tal ocorra), isto implica também que o mosaico anatómico da criança não possa ter resultado de cruzamento ocorrido entre progenitores pertencentes a populações distintas, isto é, do acasalamento entre um pai neandertalense e uma mãe moderna, ou vice-versa. Pela mesma ordem de razões, a sobrevivência num indivíduo de tipo moderno, ao fim de tanto tempo, de caracteres herdados de uma população desaparecida há mais de cem gerações apenas pode explicar-se num quadro de miscigenação extensiva, à escala populacional; de outro modo não seria possível uma tão prolongada persistência de tais traços arcaicos. Dito de outra forma, o desaparecimento dos Neandertais ibéricos terá sido consequência da sua rápida absorção pelos grupos imigrantes de tipo físico moderno; devido à relativa lentidão dos processos genéticos, os vestígios dessa absorção ainda eram visíveis 3000 anos depois, embora, com o tempo, tenham acabado por desaparecer e já não se observem nem nas populações da Pré-História mais recente (mesolíticas e neolíticas, por exemplo) nem nas do presente.

Este raciocínio assenta em três pressupostos empíricos importantes: primeiro, o de que, na Europa ocidental, as indústrias moustierenses são um *proxy* arqueológico fidedigno para as populações neandertalenses; segundo, o de que, em território português, como aliás também em boa parte do território espanhol que drena para o Mediterrâneo, essas indústrias moustierenses perduraram até entre cerca de 30 000 e cerca de 28 000 anos antes do presente; e terceiro, o de que as indústrias do período que separa o último Moustierense (logo, os últimos Neandertais) da criança do Lapedo terão já sido obra de

populações de tipo moderno ou predominantemente moderno. Essas indústrias cronologicamente intermédias integram-se nas fases final e inicial, respectivamente, dos tecnocomplexos Aurignacense e Gravettense; mas, ao contrário do que acontece no plano biológico, não se observam em tais indústrias quaisquer indícios da sobrevivência de aspectos característicos e arqueologicamente visíveis do tecnocomplexo Moustierense.

Pode tal ausência constituir fundamento para que se ponha em causa a interpretação filogenética da criança do Lapedo? De modo algum; é improcedente a objecção segundo a qual, a haver miscigenação, ela deveria ser visível não só no plano biológico mas também no da cultura material. A evolução cultural e a evolução biológica regem-se por mecanismos diferentes; a primeira por mecanismos lamarckianos, a segunda por mecanismos darwinianos. É por isso que um grupo humano pode decidir adoptar comportamentos novos e abandonar os antigos, e que, em consequência, daí decorram transformações culturais radicais no espaço de uma única geração; mas nenhum indivíduo tem o poder de decidir sobre a transmissão aos descendentes do seu património genético.

Por isso, quando há miscigenação de grupos diferentes, é garantido que ela será visível no plano biológico. Se o será ou não no plano cultural depende do modo como as duas culturas tiverem interagido e dos limites da nossa capacidade de observação. Seria ingénuo pensar que de um processo de miscigenação teria de resultar sempre uma cultura em que cada um dos traços comportamentais fosse o produto da combinação de 50% de influências de cada lado. Como no-lo revela o mundo contemporâneo, não é assim: a cultura resultante pode, nalguns traços, ser 100% idêntica a uma das antecessoras, noutros a 100% da outra, noutros representar combinação em percentagem variável das duas, noutros ainda ter evoluído para algo totalmente diferente de ambas. Além disso, nas nossas regiões, a única coisa que conhecemos da cultura material dos últimos Neandertais e dos primeiros modernos é a tecnologia lítica, ou seja, uma parte ínfima da realidade cultural global. Se tudo indica não haver influências moustierenses no Aurignacense, isso significa simplesmente que, no respeitante a um traço comportamental específico, o talhe da pedra, a cultura resultante da miscigenação herdou apenas de um dos lados, o “moderno”. Mas essa ausência nada nos diz quanto ao que aconteceu no domínio dos mitos, dos ritos, das crenças, dos costumes ou até, mais prosaicamente, da tecnologia dos materiais perecíveis.

Perguntar-se-á, porém: se houve, pelo menos nalgumas regiões, miscigenação tão extensiva, por que razão acabaram os traços distintivos dos Neandertais por desaparecer? A aparente ausência de heranças moustierenses na cultura das primeiras populações modernas do território português é consentânea com a hipótese de uma interacção desequilibrada em favor dos grupos modernos, no quadro da qual o património genético dos Neandertais teria contribuído para o das populações descendentes em proporção significativamente menor que o dos modernos, cujas biologia e cultura acabariam assim

por prevalecer entre as populações miscigenadas saídas de tais interações. Um desequilíbrio deste tipo e neste sentido corresponde justamente ao que seria de esperar tendo em conta que, ao longo do último milhão de anos, a evolução humana se deu num cenário de clima em média muito mais frio do que o actual. Nestas condições, a ocupação humana de praticamente toda a metade norte do continente eurasiático era impossível, e as densidades populacionais nos refúgios habitáveis que subsistiram na Europa e na Ásia, nomeadamente nas regiões circum-mediterrânicas, eram relativamente baixas.

Há 50 000 anos, por consequência, era em África que vivia a esmagadora maioria dos habitantes da Terra. Além disso, nas populações de mamíferos de ampla distribuição latitudinal, e portanto, verosimilmente, também no género humano, as taxas de fertilidade naturais tendem a ser mais elevadas nas populações tropicais do que nas subárticas. Nestas circunstâncias, um processo de expansão em direcção à Eurásia de populações de origem africana teria inevitavelmente de desembocar no predomínio último das variantes do património genético humano próprias desse continente: ou seja, no caso europeu, no desaparecimento dos Neandertais, seja enquanto população independente, seja enquanto constelação de traços morfológicos característicos. Dito de outro modo: mais do que anatomicamente “moderno”, o tipo humano actual é geograficamente “africano”; no cenário de há 50 000 anos, esse tipo encontrava-se demograficamente favorecido; e a modelização matemática de processos de miscigenação em que, à partida, há desequilíbrio demográfico, mesmo que mínimo, entre os grupos envolvidos, mostra que o “desaparecimento” do grupo em situação desfavorável é inevitável e, do ponto de visto evolutivo, muito rápido (Fig. 7).

7. Conclusões

Entre cerca de 36 000 e cerca de 30 000 anos antes do presente, a depressão do Ebro parece ter constituído uma fronteira biocultural estável separando as populações de tipo moderno que haviam ocupado a grande maioria do continente europeu das populações neandertalenses que ainda persistiriam durante vários milhares de anos nas regiões ibéricas para sul (Fig. 8). No presente, essa depressão corresponde também à fronteira que separa os domínios faunísticos ibérico e euro-siberiano, e os dados disponíveis indicam que, no intervalo de tempo em causa, terá desempenhado um papel biogeográfico semelhante: a sul, a Península Ibérica estaria dominada pelo bosque temperado, nas regiões litorais, e por estepes pobres nas regiões interiores, enquanto, a norte, dominavam as paisagens abertas de tipo estepe-tundra suportando uma importante e diversificada biomassa de grandes herbívoros. As populações de tipo moderno que penetraram na Europa ao longo do corredor danubiano desenvolveram adaptações culturais a estes

ecossistemas. Quando, com a deterioração das condições climáticas globais iniciada há cerca de 30 000 anos, tais ecossistemas se estenderam para sul, essas populações começaram a dispersar-se por toda a península, misturando-se com os Neandertais e gerando as populações mestiças de que viria a descender a criança do Lapedo.

Nestas circunstâncias, o “triunfo” do homem moderno e o desaparecimento dos Neandertais e dos traços que os definem correspondem precisamente ao que seria de esperar. Mas, como no-lo prova a criança do Lapedo, não se pode tomar o resultado final pelo processo através do qual se lá chegou, nem confundir a escala das análises. Em termos de longo prazo, é verdade que os Neandertais desapareceram completamente e que as populações europeias actuais descendem de antepassados africanos. Mas, em termos de curto prazo, a “substituição” processou-se por absorção, não por extinção sem descendência dos “substituídos”, ou pelo extermínio destes últimos às mãos dos seus “substituidores”.

Em ciência, a prova de uma hipótese faz-se por intermédio da submissão ao teste empírico das predições ou corolários dela derivados. Quanto mais a hipótese resistir aos sucessivos testes a que for submetida, mais aumenta a probabilidade de que corresponda a uma explicação ajustada da realidade. E, no caso da interpretação da criança do Lapedo, podem propor-se pelo menos dois corolários: em primeiro lugar, o de que, no curto período de poucos milénios onde, em cada região concreta, o contacto entre as duas populações, Neandertais e Modernos, pode ter sido possível, os restos fósseis humanos que se encontrem ou venham a ser encontrados devem apresentar evidência de miscigenação; em segundo lugar, o de que, nas mesmas regiões, com o passar dos milénios, tal evidência já deve ter desaparecido.

A recente descoberta dos restos humanos da Peștera cu Oase, na Roménia, valida o primeiro destes corolários. Localizada junto às Portas de Ferro, no Danúbio, a jazida situa-se numa região que teria constituído ponto de passagem obrigatório de grupos humanos de origem próximo-oriental em dispersão pelo continente europeu. Trata-se de parte de um sistema cársico cuja entrada original se encontra rolhada por abatimento, pelo que o acesso só é actualmente possível através de uma galeria inferior inundada, mediante técnicas de espeleologia e espeleomergulho. Encontrado em associação com restos de ursos das cavernas, num contexto deposicional que a investigação em curso procura justamente esclarecer, o material até agora recuperado por investigadores romenos e portugueses, e estudado no quadro de uma equipa internacional dirigida por Oana Moldovan, Erik Trinkaus e João Zilhão, pertence a dois indivíduos diferentes e encontra-se datado de cerca de 35 000 anos antes do presente. São, por conseguinte, os mais antigos restos do homem anatomicamente moderno até agora encontrados na Europa, e a sua importância é tanto mais de relevar quanto a datação directa de outros restos humanos tradicionalmente atribuídos a esta época (Hahnöfersand, Paderborn-Sande,

Vogelherd, Velika Pecina, Zlatý Kůň, Svitávka) tem demonstrado que se trata de material muito mais recente, do Plistocénico final ou mesmo do Holocénico. Ora, sucede precisamente que a mandíbula Oase 1, pertencente a um adulto jovem, apresenta diversas características morfológicas arcaicas, incluindo traços neandertais derivados, nomeadamente a largura do ramo ascendente, o facto de o terceiro molar ser maior do que o segundo, a grande dimensão desse terceiro molar (que só encontra paralelo em fósseis do Plistocénico Inferior) e a orientação lingual do foramen mandibular esquerdo. O mesmo acontece com o restante material antropológico que lhe está associado, o crânio parcial Oase 2.

Numa análise de tempo longo (isto é, à escala das dezenas de milhares de anos, que é a própria dos processos de evolução biológica), a prevalência do tipo moderno e o desaparecimento dos Neandertais, seja enquanto população independente seja enquanto constelação de traços morfológicos característicos, corresponde, assim, ao resultado previsível tendo em conta os condicionalismos biogeográficos da evolução humana desde o início do Plistocénico Médio, há cerca de 800 000 anos. Numa análise de tempo curto (isto é, à escala dos séculos ou dos milénios, que é a própria dos processos históricos), a prevalência última do tipo moderno na Europa não invalida, porém, que, à escala continental, tenham existido situações de contemporaneidade relativamente dilatada entre populações segregadas dos dois tipos; e que, à escala regional, tenham existido processos de miscigenação extensiva que, independentemente dos seus reflexos serem ou não visíveis na esfera cultural, tenham produzido grupos biologicamente mestiços (ou híbridos, se se preferir considerar que os Neandertais teriam sido uma espécie biológica distinta), estáveis, viáveis, e em que as provas de miscigenação, embora com tendência a desaparecer com o tempo, se mantivessem biologicamente visíveis ao longo de múltiplas gerações.

A resistência à aceitação destas conclusões que continua a caracterizar alguns sectores da comunidade científica tem diferentes explicações possíveis. Entre elas, obviamente, a necessidade de que as conclusões inferidas do observado na criança do Lapedo e nos fósseis de Oase sejam consolidadas mediante a sua replicação em novas descobertas feitas em regiões e intervalos de tempo relevantes para o debate. Mas há também que ter em conta o papel que em tal resistência joga o facto de os Neandertais terem sido os primeiros fósseis humanos identificados como tal, em meados do século XIX. Nessa época, dominava uma visão da História como Progresso em que o ser humano em geral, e o homem civilizado em particular, era considerado como o ponto culminante da Evolução. Em tal quadro, o homem fóssil não podia deixar de ser considerado como algo de intermédio entre o animal e o humano, ou seja, em grande medida, como tudo aquilo de que um cavalheiro vitoriano, que se via a si próprio nos antípodas da animalidade e da selvajaria, se pretendia distanciar. Assim sendo, os Neandertais dificilmente poderiam ter

escapado ao destino de serem mal-representados como a arquetípica besta humana do filme de 1953, ou seja, tudo aquilo com que nós, humanos verdadeiros, nada teríamos que ver.

Que os Neandertais eram diferentes de nós, humanos do século XXI, não há qualquer dúvida: viveram e desapareceram há dezenas de milhares de anos. Significa o seu desaparecimento que eram inferiores e condenados à partida pelas suas próprias deficiências? A predestinação não é uma doutrina científica, os Neandertais não eram como o pássaro Dodo, e “Culpar a Vítima” não é grande estratégia de compreensão do mundo, nem em Direito nem em Ciência: no debate sobre as origens do homem moderno apenas significa perpetuar, transferindo-a para os Neandertais, a atitude vitoriana perante os povos ditos primitivos da África, Austrália e América submetidos pelos europeus do século XIX. Se a medida da nossa própria humanidade é a capacidade de nela integrarmos a diferença e a variação reveladas pelo mundo à nossa volta, no presente como no passado, então a revelação de que a criança do Lapedo e os fósseis de Oase indicam que os Neandertais podem ter sido antepassados dos nossos antepassados não devia ser motivo para reacções viscerais. Ironicamente, tal revelação confirma simplesmente que o Progresso é efectivamente possível, pelo menos em Ciência. E de que, portanto, visões novas, alternativas, mesmo heréticas dos Neandertais e, logo, do nosso próprio estatuto enquanto homens modernos, são possíveis, realistas e até, perdoe-se o atrevimento, imprescindíveis.

Bibliografia

- ADAMS, B. (2002) – *New radiocarbon dates from Szeleta and Istállós-kő caves, Hungary*. "Praehistoria", 3, p. 53-55.
- ADCOCK, G. J.; DENNIS, E. S.; EASTEAL, S.; HUTTLEY, G. A.; JERMIIN, L. S.; PEACOCK, J.; THORNE, A. (2001) – *Mitochondrial DNA sequences in ancient Australians: Implications for modern human origins*. "Proceedings of the National Academy of Sciences USA", 98, p. 537-542.
- AKAZAWA, T.; AOKI, K.; BAR-YOSEF, O. (eds.) (1998) – *Neandertals and Modern Humans in Western Asia*, New York, Plenum Press.
- ALDHOUSE-GREEN, S.; PETTITT, P. (1998) – *Paviland Cave: contextualising the 'Red Lady'*. "Antiquity", 72, p. 756-772.
- AMBROSE, S. (1998) – *Chronology of the Later Stone Age and Food Production in East Africa*. "Journal of Archaeological Science", 25, p. 377-392.
- ANTUNES, M. T. (1990-91) – *O Homem da Gruta da Figueira Brava (ca. 30 000 BP). Contexto ecológico, alimentação, canibalismo*. "Memórias da Academia das Ciências de Lisboa. Classe de Ciências", 31, p. 487-536.
- ARENSBURG, B.; TILLIER, A.; VANDERMEERSCH, B.; DUDAY, H.; SCHEPARTZ, L.; RAK, Y. (1989) – *A Middle Paleolithic human hyoid bone*. "Nature", 338, p. 758-760.
- BACKWELL, L. R.; D'ERRICO, F. (1999) – *The Application of SEM, Confocal Microscopy and Image Analysis to Assess the First Use of Bone by Early Hominids*. "Microscopy Society of Southern Africa. Proceedings", 29, p. 99.
- BADER, O. (1998) – *Upper Palaeolithic Site Sungir (Graves and Environment)* [in Russian], Moscow.
- BAR-YOSEF, O. (1996) – *Modern humans, Neandertals and the Middle/Upper Paleolithic transition in Western Asia*. In BAR-YOSEF, O.; CAVALLI-SFORZA, L. L.; MARCH, R. J.; PIPERNO, M. (eds.) – "The Lower and Middle Paleolithic: Colloquia, XIII International Congress of Prehistoric and Protohistoric Sciences", Abaco, Forlì, p. 175-190.
- BAR-YOSEF, O.; KUHN, S. (1999) – *The big deal about blades: laminar technologies and human evolution*. "American Anthropologist", 101 (2), p. 322-338.
- BARHAM, L. (1998) – *Possible Early Pigment Use in South-Central Africa*. "Current Anthropology", 39 (5), p. 703-710.
- BARTON, N. (2000) – *Mousterian Hearths and Shellfish: Late Neanderthal Activities on Gibraltar*, in STRINGER, C.; BARTON, R. N. E.; FINLAYSON, C. (eds.) – "Neanderthals on the edge: 150th anniversary conference of the Forbes' Quarry discovery, Gibraltar". Oxford, Oxbow Books, p. 211-220.
- BINFORD, L. (1983) – *In Pursuit of the Past*, London, Thames and Hudson.
- BINFORD, L. (1989) – *Isolating the Transition to Cultural Adaptations. An Organizational Approach*, in TRINKAUS, E. (ed.) – "The Emergence of Modern Humans: Biocultural Adaptations in the Later Pleistocene", Cambridge, Cambridge University Press, p. 18-41.
- BISCHOFF, J. L.; SOLER, N.; MAROTO, J.; JULIÀ, R. (1989) – *Abrupt Mousterian / Aurignacian boundary at c. 40 ka bp: Accelerator ¹⁴C dates from l'Arbreda Cave (Catalunya, Spain)*. "Journal of Archaeological Science", 16, p. 563-576.

- BOËDA, E. (1990) – *De la surface au volume. Analyse des conceptions des débitages levallois et laminaire*, in “Paléolithique moyen récent et Paléolithique supérieur ancien en Europe”, Mémoires du Musée de Préhistoire d’Île de France, 3, p. 63-68.
- BON, F. (2002) – *L’Aurignacien entre Mer et Océan. Réflexion sur l’unité des phases anciennes de l’Aurignacien dans le sud de la France*, Paris, Société Préhistorique Française.
- BORDES, F. (1968) – *Le Paléolithique dans le monde*, Paris, Hachette.
- BORDES, F. (1972) – *A Tale of Two Caves*, New York, Harper and Row.
- BORDES, F. (1981) – *Un néandertalien encombrant*. “La Recherche”, 12, p. 643-645.
- BORDES, F. (1984) – *Leçons sur le Paléolithique*, Paris, Centre National de la Recherche Scientifique.
- BORDES, J.-G. (2002) – *Les interstratifications Châtelperronien/Aurignacien du Roc de Combe et du Piage (Lot, France). Analyse taphonomique des industries lithiques: conséquences archéologiques*. Ph. Thesis, University of Bordeaux I, Talence.
- BRACE, C. L. (1962) – *Refocusing on the Neanderthal problem*. “American Anthropologist”, 64, 729-741.
- BRÄUER, G. (1984) – *A Craniological Approach to the Origin of Anatomically Modern Homo sapiens in Africa and Implications for the Appearance of Modern Europeans*, in SMITH, F.; SPENCER, F. (eds.) – “The Origins of Modern Humans: A World Survey of the Fossil Evidence”, New York, Alan R. Liss, p. 327-410.
- BREUIL, H. (1913) – *Les subdivisions du Paléolithique Supérieur et leur signification*. “Congrès International d’Anthropologie et d’Archéologie préhistoriques, Compte-rendu de la 14ème session, Genève 1912”, 1, p. 165-238.
- BRÉZILLON, M. (1969) – *Dictionnaire de la Préhistoire*, Paris, Larousse.
- BROSE, D. S.; WOLPOFF, M. H. (1971) – *Early Upper Paleolithic man and late Middle Paleolithic tools*. “American Anthropologist”, 73, p. 1156-1194.
- BRUGAL, J. P.; RAPOSO, L. (1999) – *Foz do Enxarrique (Ródão, Portugal): first results of the analysis of a bone assemblage from a Middle Palaeolithic open site*, in “The Role of Early Humans in the Accumulation of European Lower and Middle Paleolithic Bone Assemblages”, Monographien des Römisch-Germanischen Zentralmuseums 42, Mainz, p. 367-379.
- CABRERA, V.; BISCHOFF, J. L. (1989) – *Accelerator ¹⁴C dates for Early Upper Paleolithic (Basal Aurignacian) at El Castillo Cave (Spain)*. “Journal of Archaeological Science”, 16, p. 577-584.
- CABRERA, V.; MAILLO, J. M.; LLORET, M.; BERNALDO DE QUIRÓS, F. (2001) – *La transition vers le Paléolithique supérieur dans la grotte du Castillo (Cantabrie, Espagne): la couche 18*. “L’Anthropologie”, 105, p. 505-532.
- CABRERA, V.; VALLADAS, H.; BERNALDO DE QUIRÓS, F.; HOYOS M. (1996) – *La transition Paléolithique moyen-Paléolithique supérieur à El Castillo (Cantabrie): nouvelles datations par le carbone-14*. “Compte-Rendus de l’Académie des Sciences de Paris”, 322-Ila, p. 1093-1098.
- CANN, R. L.; STONEKING, M.; WILSON, A. C. (1987) – *Mitochondrial DNA and human evolution*. “Nature”, 325, p. 31-36.
- CARBONELL, E.; VAQUERO, M.; MAROTO, J.; RANDO, J. M.; MALLOL, C. (2002) – *A Geographic Perspective on the Middle to Upper Paleolithic Transition in the Iberian Peninsula*, in BAR-YOSEF, O.; PILBEAM, D. (eds.)

- “The Geography of Neandertals and Modern Humans in Europe and the Greater Mediterranean”, Peabody Museum Bulletin 8, Peabody Museum of Archaeology and Ethnology, Harvard University, Cambridge, p. 5-34.
- CARDOSO, J. L.; RAPOSO, L.; FERREIRA, O. V. (2002) – *A Gruta Nova da Columbeira. Bombarral*, Bombarral, Câmara Municipal.
- CHABAI, V. P.; MARKS, A. E. (1998) – *Preliminary Synthesis: Middle Paleolithic Assemblage Variability in Western Crimea*, in MARKS, A. E.; CHABAI, V. P. (eds.) – “The Middle Paleolithic of Western Crimea, Vol. 1”, Liège, Études et Recherches Archéologiques de l’Université de Liège 84, p. 355-367.
- CHASE, Ph. (1988) – *Scavenging and Hunting in the Middle Paleolithic*, in DIBBLE, H. L. e MONTET-WHITE, A. (ed.) – “Upper Pleistocene Prehistory of Western Eurasia”, University of Pennsylvania, Philadelphia, p. 225-232.
- CONARD, N. J. (2003) – *Palaeolithic ivory sculptures from southwestern Germany and the origins of figurative art*. “Nature”, 426, p. 830-832.
- CONARD, N. J.; BOLUS, M. (2003) – *Radiocarbon dating the appearance of modern humans and timing of cultural innovations in Europe: new results and new challenges*. “Journal of Human Evolution”, 44, p. 331-371.
- CORTÉS, M. (2003) – *El tránsito Paleolítico Medio-Superior en la última frontera: Neandertales y humanos modernos en el sur de la Península Ibérica*. “Pliocénica”, 3, p. 107-116.
- D’ERRICO, F. (2003) – *The Invisible Frontier. A Multiple Species Model for the Origin of Behavioral Modernity*. “Evolutionary Anthropology”, 12, p. 188-202.
- D’ERRICO, F.; ZILHÃO, J.; BAFFIER, D.; JULIEN, M.; PELEGRIN, J. (1998) – *Neanderthal Acculturation in Western Europe? A Critical Review of the Evidence and Its Interpretation*. “Current Anthropology”, 39, Supplement, p. S1-S44.
- DAVIES, W. (2001) – *A Very Model of a Modern Human Industry: New Perspectives on the Origins and Spread of the Aurignacian in Europe*. “Proceedings of the Prehistoric Society”, 67, p. 195-217.
- DEMARS, P.-Y.; HUBLIN, J.-J. (1989) – *La transition néandertaliens/hommes de type moderne en Europe occidentale: aspects paléontologiques et culturels*, in OTTE, M.; LAVILLE, H. (eds.) – “L’Homme de Néandertal 7: l’extinction”, Liège, Études et Recherches Archéologiques de l’Université de Liège 34, p. 29-42.
- DEREVIANKO, A. P.; RYBIN, E. P. (2003) – *The earliest representations of symbolic behavior by Paleolithic humans in the Altai Mountains*. “Archaeology, Ethnology and Anthropology of Eurasia”, 3 (15), p. 27-50.
- DUARTE, C.; MAURÍCIO, J.; PETTIT, P. B.; SOUTO, P.; TRINKAUS, E.; VAN DER PLICHT, H.; ZILHÃO, J. (1999) – *The Early Upper Paleolithic Human Skeleton from the Abrigo do Lagar Velho (Portugal) and Modern Human Emergence in Iberia*. “Proceedings of the National Academy of Sciences USA”, 96, p. 7604-7609.
- ESWARAN, V. (2002) – *A Diffusion Wave out of Africa. The Mechanism of the Modern Human Revolution?* “Current Anthropology”, 43 (5), p. 749-774.
- G.E.P.P. [Grupo para o Estudo do Paleolítico Português] (1983) – *A estação paleolítica de Vilas Ruivas (Ródão) – campanha de 1979*. “O Arqueólogo Português”, 4th series, 1, 1983, p. 15-38.
- GAGNEUX, P.; WILLS, C.; GERLOFF, U.; TAUTZ, D.; MORIN, P. A.; BOESCH, C.; FRUTH, B.; HOHMANN, G.; RYDER, O. A.; WOODRUFF, D. S. (1999) – *Mitochondrial sequences show diverse evolutionary histories of African hominoids*. “Proceedings of the National Academy of Sciences USA”, 96, p. 5077-5082.

- GAMBLE, C. (1983) – *Culture and society in the Upper Paleolithic of Europe*, in BAILEY, G. (ed.) – “Hunter-gatherer economy in prehistory. A European perspective”, Cambridge, Cambridge University Press.
- GAUDZINSKI, S.; ROEBROEKS, W. (2000) – *Adults only: Reindeer hunting at the Middle Palaeolithic site Salzgitter-Lebenstedt, northern Germany*. “Journal of Human Evolution”, 38, p. 497-521.
- GENET-VARCIN, E. (1979) – *Les hommes fossiles*, Paris, Boubée.
- GIACOBINI, G. (1999) – *Les sépultures du Paléolithique supérieur d'Italie*, in SACCHI, D. (ed.) – “Les faciès leptolithiques du nord-ouest méditerranéen: milieux naturels et culturels. XXIV^e Congrès Préhistorique de France. Carcassonne, 26-30 Septembre 1994”, Carcassonne, 1999, p. 29-39.
- GILMAN, A. (1984) – *Explaining the Upper Palaeolithic Revolution*, in SPRIGGS, M. (ed.) – “Marxist Perspectives in Archaeology”, Cambridge, Cambridge University Press, p. 115-126.
- GOULD, S. J. (1998) – *Leonardo's Mountain of Clams and the Diet of Worms*, London, Jonathan Cape.
- GUTIERREZ, G.; SÁNCHEZ, D.; MARÍN, A. (2002) – *A Reanalysis of the Ancient Mitochondrial DNA Sequences Recovered from Neandertal Bones*. “Molecular Biology and Evolution”, 19 (8), p. 1359-1366.
- HAHN, J. (1988) – *Das Geissenklösterle I*, Stuttgart, Konrad Theiss.
- HARROLD, F. B. (1986) – *Une réévaluation du Châtelperronien*. “Bulletin de la Société Préhistorique Ariège-Pyrénées”, 41, p. 151-169.
- HARROLD, F. B. (1989) – *Mousterian, Chatelperronian and Early Aurignacian in Western Europe: Continuity or Discontinuity?*, in MELLARS, P.; STRINGER, C. (eds.) – “The human revolution: behavioural and biological perspectives on the origins of modern humans”, Edinburgh, Edinburgh University Press, p. 677-713.
- HAWKS, J.; WOLPOFF, M. (2001) – *Brief Communication: Paleoanthropology and the Population Genetics of Ancient Genes*. “American Journal of Physical Anthropology”, 114, p. 269-272.
- HENSHILWOOD, C.; MAREAN, C. (2003) – *The Origin of Modern Human Behavior. Critique of the Models and Their Test Implications*. “Current Anthropology”, 44 (5), p. 627-651.
- HENSHILWOOD, C.; SEALY, J. (1997) – *Bone Artefacts from the Middle Stone Age at Blombos Cave, South Africa*. “Current Anthropology”, 38 (5), p. 890-895.
- HOLLIDAY, T. W. (1997) – *Body proportions in Late Pleistocene Europe and modern human origins*. “Journal of Human Evolution”, 32, p. 423-47.
- HOLLIDAY, T. W. (1999) – *Brachial and crural indices of European Late Upper Paleolithic and Mesolithic humans*. “Journal of Human Evolution”, 36, p. 549-66.
- HRDLIČKA, A. (1927) – *The Neanderthal phase of man*. “Journal of the Royal Anthropological Institute”, 67, p. 249-269.
- HUBLIN, J.-J. (1996) – *The First Europeans*. “Archaeology”, January/February, p. 36-44.
- HUBLIN, J.-J. (1998) – *Comment*, in D'ERRICO, F.; ZILHÃO, J.; BAFFIER, D.; JULIEN, M.; PELEGRIN, J. – *Neanderthal Acculturation in Western Europe? A Critical Review of the Evidence and Its Interpretation*. “Current Anthropology”, 39, Supplement, p. S1-S44.
- HUBLIN, J.-J. (1999) – *Derniers néandertaliens et premiers européens modernes*. “Pour la Science”, hors série 22, p. 110-118.

- HUBLIN, J.-J. (2000) – *Modern-nonmodern hominid interactions: A Mediterranean perspective*, in BAR-YOSEF, O.; PILBEAM, D. (eds.) – “The Geography of Neandertals and Modern Humans in Europe and the Greater Mediterranean”, Cambridge, Peabody Museum Bulletin 8, p. 157-182.
- HUBLIN, J.-J.; BARROSO RUIZ, C.; MEDINA LARA, P.; FONTUGNE, M.; REYSS, J.-L. (1995) – *The Mousterian site of Zafarraya (Andalucía, Spain): dating and implications on the paleolithic peopling processes of Western Europe*. “Comptes-Rendus de l’Académie des Sciences de Paris”, 321, Série Ila, p. 931-937.
- HUBLIN J.-J.; SPOOR, F.; BRAUN, M.; ZONNEVELD, F.; CONDEMI, S. (1996) – *A late Neanderthal associated with Upper Palaeolithic artefacts*. “Nature”, 381, p. 224-226.
- JOHANSON, D.; EDEY, M. (1981) – *Lucy, the Beginnings of Humankind*, London, Granada.
- JOLLY, C. (2001) – *A Proper Study for Mankind: Analogies From the Papionin Monkeys and Their Implications for Human Evolution*. “Yearbook of Physical Anthropology”, 44, p. 177-204.
- JORDÁ, J. (2001) – *Dataciones isotópicas del yacimiento del Pleistoceno Superior de Jarama VI (Alto Valle del Jarama, Guadalajara, España) y sus implicaciones cronoestratigráficas*, in “Studien in Memoriam Wilhelm Schüle”, Rahden, Verlag Marie Leidorf, p. 225-235.
- JÖRIS, O.; ÁLVAREZ, E.; WENINGER, B. (2003) – *Radiocarbon Evidence of the Middle to Upper Paleolithic Transition in Southwestern Europe*. “Trabajos de Prehistoria”, 60 (2), p. 15-38.
- KARAVANIĆ, I. (1995) – *Upper Paleolithic occupation levels and Late-occurring Neanderthal at Vindija Cave (Croatia) in the Context of Central Europe and the Balkans*. “Journal of Anthropological Research”, 51 (1), p. 9-35.
- KARAVANIĆ, I.; SMITH, F. H. (1998) – *The Middle/Upper Paleolithic interface and the relationship of Neanderthals and early modern humans in the Hrvatsko Zagorje, Croatia*. “Journal of Human Evolution”, 34, p. 223-248.
- KAUFMAN, D. (2002) – *Mind the Gap: Questions of Continuity in the Evolution of Anatomically Modern Humans as seen from the Levant*. “Archaeology, Ethnology and Anthropology of Eurasia”, 4 (12), p. 53-61.
- KLEIN, R. G. (1973) – *Ice-Age Hunters of the Ukraine*, Chicago, University of Chicago Press.
- KLEIN, R. G. (1998) – *Why Anatomically Modern People Did Not Disperse from Africa 100,000 years ago*, in AKAZAWA, T.; AOKI, K.; BAR-YOSEF, O. (eds.) – “Neandertals and Modern Humans in Western Asia”, New York, Plenum Press, p. 509-521.
- KLEIN, R. (2003) – *Whither the Neanderthals?* “Science”, 299, p. 1525-1527.
- KRINGS, M.; STONE, A.; SCHMITZ, R. W.; KRAINITZKI, H.; STONEKING, M.; PÄÄBO, S. (1997) – *Neanderthal DNA Sequences and the Origin of Modern Humans*. “Cell”, 90, p. 19-30.
- KRINGS, M.; GEISERT, H.; SCHMITZ, R. W.; KRAINITZKI, H.; PÄÄBO, S. (1999) – *DNA sequence of the mitochondrial hypervariable region II from the Neanderthal type specimen*. “Proceedings of the National Academy of Sciences USA”, 96, p. 5581-5585.
- KRINGS, M.; CAPELLI, C.; TSCHENTSCHER, F.; GEISERT, H.; MEYER, S.; von HAESSELER, A.; GROSSSCHMIDT, K.; POSSNERT, G.; PAUNOVIC, M.; PÄÄBO, S. (2000) – *A view of Neanderthal genetic diversity*. “Nature Genetics”, 26, p. 144-146.
- KUHN S. L.; STINER M. C.; GÜLEÇ, E. (1999): *Initial Upper Palaeolithic in south-central Turkey and its regional context: a preliminary report*. “Antiquity”, 73, p. 505-517.

- KUHN, S. L.; STINER, M. C.; REESE, D. S.; GÜLEÇ, E. (2001) – *Ornaments of the earliest Upper Paleolithic: New insights from the Levant*. "Proceedings of the National Academy of Sciences USA", 98 (13), p. 7641-7646.
- KURZBAN, R.; TOOBY, J.; COSMIDES, L. (2001) – *Can race be erased? Coalitional computation and social categorization*. "Proceedings of the National Academy of Sciences USA", 98 (26), p. 15387-15392.
- LANGBROEK, M. (2001) – *The trouble with Neandertals*. "Archaeological Dialogues", 8 (2), p. 123-151.
- LEAKEY, R.; LEWIN, R. (1977) – *Origins*, London, Mcdonald and Jane's.
- LEAKEY, R.; LEWIN, R. (1981) – *People of the lake*, Harmondsworth, Penguin.
- LEROI-GOURHAN, A. (1964) – *Les religions de la Préhistoire*, Paris, Presses Universitaires de France.
- LÉVÊQUE, F. (1993) – *Les données du gisement de Saint-Césaire et la transition Paléolithique moyen/supérieur en Poitou-Charentes*, in CABRERA, V. (ed.) – "El Origen del Hombre Moderno en el Suroeste de Europa", Madrid, Universidad Nacional de Educación a Distancia, p. 263-286.
- LÉVÊQUE, F.; VANDERMEERSCH B. (1980) – *Découverte de restes humains dans un niveau castelperronien à Saint-Césaire (Charente-Maritime)*. "Comptes rendus de l'Académie des Sciences Paris", 291D, p. 187-189.
- LIEBERMAN, P. (1994) – *The origins and evolution of language*, in INGOLD, T. (ed.) – "Companion Encyclopedia of Anthropology", London, Routledge, p. 108-132.
- LIEBERMAN, P.; CRÉLIN, E. S. (1971) – *On the speech of Neanderthal man*. "Linguistic Inquiry", 2, p. 203-222.
- MAREAN, C.; KIM, S. Y. (1998) – *Mousterian Large-Mammal Remains from Kobeh Cave. Behavioral Implications for Neanderthals and Early Modern Humans*. "Current Anthropology", 39, Supplement, p. S79-S113.
- MARKS, A. E. (1998) – *A new Middle to Upper Paleolithic "Transitional" assemblage from Buran-Kaya III, level C: a preliminary report*, in "Préhistoire d'Anatolie, Genèse de deux mondes", Liège, Études et Recherches Archéologiques de l'Université de Liège, 85, p. 353-366.
- MARKS, A. E.; FERRING, C. R. (1988) – *The Early Upper Paleolithic of the Levant*, in HOFFECKER, J. F.; WOLF, C. A. (eds.) – "The early Upper Paleolithic: evidence from Europe and the Near East", Oxford, British Archaeological Reports International Series 437, p. 43-72.
- MAROTO, J. (1994) – *El pas del paleolític mitjà al paleolític superior a Catalunya i la seva interpretació dins del context geogràfic franco-ibèric*, Girona, University of Girona, Unpublished Ph. D. Thesis.
- MAUREILLE, B. (2002) – *A lost Neanderthal neonate found*. "Nature", 419, p. 33-34.
- MAUREILLE, B. (2002) – *La redécouverte du nouveau-né néandertalien Le Moustier 2*. "Paleo", 14, p. 221-238.
- MAUREILLE, B.; SORESSI, M. (2000) – *À propos de la position chronostratigraphique de l'enfant du Pech de l'Azé I (commune de Carsac, Dordogne): la résurrection du fantôme*. "Paleo", 12, p. 339-352.
- MEIGNEN, L. (1998) – *Hayonim Cave Lithic Assemblages in the Context of the Near Eastern Middle Paleolithic*, in AKAZAWA, T.; AOKI, K.; BAR-YOSEF, O. (eds.) – "Neandertals and Modern Humans in Western Asia", New York, Plenum Press, p. 165-180.
- MELLARS, P. A. (1973) – *The character of the middle-upper paleolithic transition in south-west France*, in RENFREW, C. (ed.) – "The Explanation of Cultural Change. Models in Prehistory", London, Duckworth, p. 255-276.
- MELLARS, P. A. (1989) – *Major issues in the emergence of modern humans*. "Current Anthropology", 30, p. 349-385.

- MELLARS, P. A. (1996) – *Symbolism, language, and the Neanderthal mind*, in MELLARS P. A.; GIBSON, K. – “Modelling the early human mind”, Cambridge, McDonald Institute Monographs, p. 15-32.
- MELLARS, P. A. (1996) – *The Neanderthal Legacy*, Princeton, Princeton University Press.
- MELLARS, P. A. (1998) – *Comment*, in D'ERRICO, F.; ZILHÃO, J.; BAFFIER, D.; JULIEN, M.; PELEGRIN, J. – *Neanderthal Acculturation in Western Europe? A Critical Review of the Evidence and Its Interpretation*. “Current Anthropology”, 39, Supplement, p. S1-S44.
- MELLARS, P. A. (1998) – *Neanderthals, Modern Humans and the archaeological evidence for language*, in JABLONSKI, N. G.; AIELLO, L. C. (eds.) – “The origin and diversification of language”, San Francisco, Memoirs of the California Academy of Sciences, 24, p. 89-115.
- MELLARS, P. A. (1999) – in *The Neanderthal Problem Continued*. “Current Anthropology”, 40 (3), p. 341-350.
- OTTE, M. (1990) – *From the Middle to the Upper Paleolithic: The Nature of the Transition*, in MELLARS, P. (ed.) – “The Emergence of Modern Humans”, Edinburgh, Edinburgh University Press, p. 438-456.
- OTTE, M.; STRAUS, L. (eds.) (1995) – *Le Trou Magrite: fouilles 1991-1992*, Liège, Études et Recherches Archéologiques de l'Université de Liège 69.
- OVCHINNIKOV, I.; GÖTHERSTRÖM, A.; ROMANOVA, G. P.; KHARITONOV, V. M.; LIDÉN, K.; GOODWIN, W. (2000) – *Molecular analysis of Neanderthal DNA from the northern Caucasus*. “Nature” 404, p. 490-493.
- PELEGRIN, J. (1995) – *Technologie lithique: le Châtelperronien de Roc-de Combe (Lot) et de la Côte (Dordogne)*. Cahiers du Quaternaire, Paris: CNRS.
- RAPOSO, L. (1995) – *Ambientes, territorios y subsistencia en el Paleolítico Medio de Portugal*. “Complutum”, 6, p. 57-77.
- RÉVILLION, S. (1995) – *Technologie du débitage laminaire au Paléolithique moyen en Europe: état de la question*. “Bulletin de la Société Préhistorique Française”, 92 (4), p. 425-441.
- RICHARDS, M. P.; PETTITT, P. B.; TRINKAUS, E.; SMITH, F. H.; PAUNOVIĆ, M.; KARAVANIĆ, I. (2000) – *Neanderthal diet at Vindija and Neanderthal predation: the evidence from stable isotopes*. “Proceedings of the National Academy of Sciences USA”, 97, p. 7663-7666.
- RICHARDS, M. P.; PETTITT, P. B.; STINER, M. C.; TRINKAUS, E. (2001) – *Stable isotope evidence for increasing dietary breadth in the European mid-Upper Paleolithic*. “Proceedings of the National Academy of Sciences USA”, 98 (11), p. 6528-6532.
- RICHTER, D.; WAIBLINGER, J.; RINK, W. J.; WAGNER, G. A. (2000) – *TL, ESR and C14-Dating of the Late Middle and Early Upper Palaeolithic site of Geissenklösterle cave, Southern Germany*. “Journal of Archaeological Science”, 27, p. 71-89.
- RICHTER, J. (2002) – *Die ¹⁴C daten aus der Sesselfelsgrötte und die Zeitstellung des Micoquien/M.M.O.* “Germania”, 80 (1), p. 1-22.
- RIGAUD, J-Ph. (1998) – *A propos de la contemporanéité du Castelperronien et de l'Aurignacien ancien dans le nord-est de l'Aquitaine: une révision des données et ses implications*. Paper presented at the Conference “Les premiers hommes modernes de la Péninsule Ibérique”, UISPP 8th Commission, Vila Nova de Foz Côa, October 1998.
- RIEL-SALVATORE, J.; CLARK, G. A. (2001) – *Grave Markers. Middle and Early Upper Paleolithic Burials and the Use of Chronotypology in Contemporary Paleolithic Research*. “Current Anthropology”, 42 (4), p. 449-479.

- SCHMITZ, R. W.; SERRE, D.; BONANI, G.; FEINE, S.; HILLGRUBER, F.; KRAINITZKI, H.; PÄÄBO, S.; SMITH, F. H. (2002) – *The Neandertal type site revisited: Interdisciplinary investigations of skeletal remains from the Neander Valley, Germany*. "Proceedings of the National Academy of Sciences of the United States of America", 99, p. 13342-13347.
- SCHWARCZ, H.; RINK, J. (1998) – *Progress in ESR and U-Series chronology of the Levantine Paleolithic*, in AKAZAWA, T.; AOKI, K.; BAR-YOSEF, O. (eds.) – "Neandertals and Modern Humans in Western Asia", New York, Plenum Press, p. 57-67.
- SMITH, F. (1984) – *Fossil Hominids From the Upper Pleistocene of Central Europe and the Origin of Modern Europeans*, in SMITH, F.; SPENCER, F. (eds.) – "The Origins of Modern Humans: A World Survey of the Fossil Evidence", New York, Alan R. Liss, p. 137-209.
- SMITH, F. (2000) – *The Fate of the Neandertals*. "Scientific American", 282 (4), p. 106-107.
- SMITH, F. H.; TRINKAUS, E.; PETTITT, P. B.; KARAVANIĆ, I.; PAUNOVIĆ, M. (1999) – *Direct radiocarbon dates for Vindija G₁ and Velika Pećina Late Pleistocene hominids*. "Proceedings of the National Academy of Sciences USA", 96 (22), p. 12281-12286.
- SOMMER, J. D. (1999) – *The Shanidar IV "flower burial": a re-evaluation of Neanderthal burial ritual*. "Cambridge Archaeological Journal", 9, p. 127-137.
- SORESSI, M.; ARMAND, D.; D'ERRICO, F.; JONES, H. L.; PUBERT, E.; RINK, W. J.; TEXIER, J.-P.; VIVENT, D. (2002) – *Pech de l'Azé I (Carsac, Dordogne): nouveaux travaux sur le Moustérien de tradition acheuléenne*. "Bulletin de la Société Préhistorique Française", 99 (1), p. 1-7.
- STRAUS, L. G. (1983) – *From Mousterian to Magdalenian: Cultural Evolution Viewed from Vasco-Cantabrian Spain and Pyrenean France*, in TRINKAUS, E. (ed.) – "The Mousterian Legacy", British Archaeological Reports International Series 164, p. 73-111.
- STRAUS, L. G. (1986) – *Late Wurm adaptive systems in Cantabrian Spain: the case of Eastern Asturias*. "Journal of Anthropological Archaeology", 5, p. 330-368.
- STRINGER, C. (1998) – *Chronological and Biogeographic Perspectives on Later Human Evolution*, in AKAZAWA, T.; AOKI, K.; BAR-YOSEF, O. (eds.) – "Neandertals and Modern Humans in Western Asia", New York, Plenum Press, p. 29-37.
- STRINGER, C. (2002) – *Modern human origins: progress and prospects*. "Philosophical Transactions of the Royal Society London B", 357, p. 563-579.
- STRINGER, C.; GAMBLE, C. (1993) – *In Search of the Neanderthals*, London, Thames and Hudson.
- STRINGER, C.; MCKIE, R. (1996) – *African Exodus. The Origins of Modern Humanity*, London, Jonathan Cape.
- SVOBODA, J.; LOŽEK, V.; VLČEK, E. (1996) – *Hunters between East and West*, New York, Plenum.
- THIEME, H.; MAIER, R. (1995) – *Archäologisches Ausgrabungen im Brauholetagebau Schöningen, Landkreis Verden*. "Die Kunde", 36, p. 11-58.
- TOBIAS, Ph. (1994) – *The evolution of early hominids*, in INGOLD, T. (ed.) – "Companion Encyclopedia of Anthropology", London, Routledge, p. 33-78.
- TOBIAS, Ph. (1995) – *The Communication of the Dead. Earliest Vestiges of the Origin of Articulate Language*, Amsterdam, Nederlands Museum voor Anthropologie en Praehistorie.

- TOOBY, J.; DEVORE, I. (1987) – *The Reconstruction of Hominid Behavioral Evolution Through Strategic Modeling*, in KINZEY, W. (ed.) – “The Evolution of Human Behavior: Primate Models”, Albany, State University of New York Press, p. 183-237.
- TRINKAUS, E. (1981) – *Neanderthal limb proportions and cold adaptation*, in STRINGER, C. B. (ed.) – “Aspects of Human Evolution”, London, Taylor and Francis, p. 187-224.
- TRINKAUS, E. (1995) – *Neandertal mortality patterns*. “Journal of Archaeological Science”, 22, p. 121-142.
- TRINKAUS, E. (2000) – *The “Robusticity Transition” Revisited*, in STRINGER, C.; BARTON, R. N. E.; FINLAYSON, C. (eds.) – “Neanderthals on the edge: 150th anniversary conference of the Forbes’ Quarry discovery, Gibraltar”. Oxford, Oxbow Books, p. 227-236.
- TRINKAUS, E.; CHURCHILL, S. E.; RUFF, C. B.; VANDERMEERSCH, B. (1999) – *Long bone shaft robusticity and body proportions of the Saint-Césaire 1 Châtelperronian Neandertal*. “Journal of Archaeological Science”, 26, p. 753-773.
- TRINKAUS, E.; MOLDOVAN, O.; MILOTA, Ș.; BÎLGĂR, A.; SARCINA, L.; ATHREYA, S.; BAILEY, S. E.; RODRIGO, R.; MIRCEA, G.; HIGHAM, Th.; BRONK RAMSEY, C. H.; PLICHT, J. v. d. (2003) – *An early modern human from the Peștera cu Oase, Romania*. “Proceedings of the National Academy of Sciences USA”, 100 (20), p. 11231-11236.
- TRINKAUS, E.; MILOTA, Ș.; RODRIGO, R.; MIRCEA, G.; MOLDOVAN, O. (2003) – *Early modern human cranial remains from the Peștera cu Oase, Romania*. “Journal of Human Evolution”, 45, p. 245-253.
- TRINKAUS, E.; SHIPMAN, P. (1993) – *The Neandertals*, New York, Knopf.
- TRINKAUS, E.; ZILHÃO, J.; DUARTE, C. (2001) – ‘O Menino do Lapedo’: *Lagar Velho 1 and perceptions of the Neandertals*. “Archaeological Dialogues”, 8 (1), p. 49-69.
- VALLADAS, H.; MERCIER, N.; ESCUTENAIRE, C.; KALICKI, T.; KOZŁOWSKI, J.; SITLIVY, V.; SOBCZYK, K.; ZIEBA, A.; VAN VLIET-LANOE, B. (2003) – *The late Middle Paleolithic blade technologies and the transition to the Upper Paleolithic in southern Poland: TL dating contribution*. “Eurasian Prehistory”, 1(1), p. 57-82.
- VALLOIS, H. (1949) – *The Fontéchevade Fossil man*. “American Journal of Physical Anthropology”, 3, p. 339-362.
- VAN ANDEL, T. (2002) – *The Climate and Landscape of the Middle Part of the Weichselian Glaciation in Europe: The Stage 3 Project*. “Quaternary Research”, 57, p. 2-8.
- VAN PEER, Ph. (1991) – *Interassemblage Variability and Levallois Styles: The Case of the Northern African Middle Palaeolithic*. “Journal of Anthropological Research”, 10, p. 107-151.
- VANDERMEERSCH, B. (1981) – *Les Hommes Fossiles de Qafzeh (Israël)*, Paris, CNRS.
- VANDERMEERSCH, B. (1995) – *Homo sapiens sapiens: ce que disent les fossiles*. “La Recherche”, 277, p. 614-620.
- VERMEERSCH, P. M. (2002) – *Two Upper Palaeolithic burials at Nazlet Khater*, in VERMEERSCH, P. M. (ed.) – “Palaeolithic Quarrying Sites in Upper and Middle Egypt”, Leuven, Egyptian Prehistory Monographs 4, p. 273-282.
- VEGA, L. G. (1990) – *La fin du Paléolithique moyen au sud de l’Espagne: ses implications dans le contexte de la Péninsule Ibérique*, in “Paléolithique moyen récent et Paléolithique supérieur ancien en Europe (Colloque International de Nemours, 9-11 mai 1988)”, Mémoires du Musée de Préhistoire de l’Île de France, 3, p. 169-176.

VILLAVERDE, V. (ed.) (2001) – *De neandertales a cromañones. El inicio del poblamiento humano en las tierras valencianas*, Valencia, Universitat de València.

VILLAVERDE, V.; AURA, J. E.; BARTON, C. M. (1998) – *The Upper Paleolithic in Mediterranean Spain: A Review of Current Evidence*. "Journal of World Prehistory", 12 (2), p. 121-198.

VILLAVERDE, V.; FUMANAL, M. P. (1990) – *Relations entre le Paléolithique moyen et le Paléolithique supérieur dans le versant méditerranéen espagnol*, in "Paléolithique moyen récent et Paléolithique supérieur ancien en Europe (Colloque International de Nemours, 9-11 mai 1988)", Mémoires du Musée de Préhistoire de l'île de France, 3, p. 177-183.

WALKER, M. J. (2001) – *Excavations at Cueva Negra del Estrecho del Río Quípar and Sima de las Palomas del Cabezo Gordo: two sites in Murcia (south-east Spain) with Neanderthal skeletal remains, Mousterian assemblages and late Middle to early Upper Pleistocene fauna*, in MILLIKEN, S.; COOK, J. (eds.) – "A Very Remote Period Indeed. Papers on the Paleolithic Presented to Derek Roe", Oxford, Oxbow Books, p. 153-159.

WALKER, M. J. (2001) – *Two Neanderthal Man sites from Murcia (S.E. Spain): Sima de las Palomas del Cabezo Gordo and Cueva Negra del Estrecho del Río Quípar*. Paper presented at the XIVth Congress of the Union Internationale des Sciences Pré et Proto-Historiques, Liège, Belgium, 2-8 September 2001.

WHITE, R. (1982) – *Rethinking the Middle/Upper Paleolithic Transition*. "Current Anthropology", 23 (2), p. 169-192.

WHITE, R. (1992) – *Beyond art: toward an understanding of the origins of material representation in Europe*. "Annual Review of Anthropology", 21, p. 407-431.

WHITE, R. (1993) – *A social and technological view of Aurignacian and Castelperronian personal ornaments in France*, in CABRERA, V. (ed.) – "El Origen del Hombre Moderno en el Suroeste de Europa", Madrid, Ministerio de Educación y Ciencia, p. 327-357.

WOLPOFF, M.; HAWKS, J.; FRAYER, D. W.; HUNLEY, K. (2001) – *Modern Human Ancestry at the Peripheries: A Test of the Replacement Theory*. "Science", 291, p. 293-297.

ZILHÃO, J. (1993) – *Le passage du Paléolithique moyen au Paléolithique supérieur dans le Portugal*, in CABRERA, V. (ed.) – "El Origen del Hombre Moderno en el Suroeste de Europa", Madrid, Universidad Nacional de Educación a Distancia, p. 127-145.

ZILHÃO, J. (1997) – *O Paleolítico Superior da Estremadura portuguesa*, 2 volumes, Lisboa, Colibri.

ZILHÃO, J. (1998) – *Comment to MAREAN, C. W.; KIM, S. Y. – Mousterian Large-Mammal Remains from Kobeh Cave. Behavioral Implications for Neanderthals and Early Modern Humans*. "Current Anthropology", 39, Supplement, p. S104-S105.

ZILHÃO, J. (1998) – *On Logical and Empirical Aspects of the Mesolithic-Neolithic Transition in the Iberian Peninsula*. "Current Anthropology", 39 (5), p. 690-8.

ZILHÃO, J. (2000) – *The Ebro frontier: a model for the late extinction of Iberian Neanderthals*, in STRINGER, C.; BARTON, R. N. E.; FINLAYSON, C. (eds.) – "Neanderthals on the edge: 150th anniversary conference of the Forbes' Quarry discovery, Gibraltar". Oxford, Oxbow Books, p. 111-121.

ZILHÃO, J. (2001) – *Anatomically Archaic, Behaviorally Modern: The Last Neanderthals and Their Destiny*, Amsterdam, Stichting Nederlands Museum voor Anthropologie en Praehistoria.

ZILHÃO, J.; D'ERRICO, F. (1999) – *Reply*, in *The Neanderthal Problem Continued*. "Current Anthropology", 40 (3), p. 355-364.

ZILHÃO, J.; D'ERRICO, F. (1999) – *The chronology and taphonomy of the earliest Aurignacian and its implications for the understanding of Neanderthal extinction*. "Journal of World Prehistory", 13 (1), p. 1-68.

ZILHÃO J.; D'ERRICO, F. (2003) – *The chronology of the Aurignacian and Transitional technocomplexes. Where do we stand?*, in ZILHÃO, J.; D'ERRICO F. (eds.) – "The Chronology of the Aurignacian and of the Transitional Technocomplexes. Dating, Stratigraphies, Cultural Implications", Lisboa, Instituto Português de Arqueologia, p. 313-348.

ZILHÃO, J.; TRINKAUS, E. (2001) – *Troubling the Neandertals. A Reply to Langbroek's 'The Trouble with Neandertals'*. "Archaeological Dialogues", 8 (2), p. 135-142.

ZILHÃO, J.; TRINKAUS, E. (eds.) (2002) – *Portrait of the Artist as a Child. The Gravettian Human Skeleton from the Abrigo do Lagar Velho and its Archeological Context*, Trabalhos de Arqueologia 22, Lisboa, Instituto Português de Arqueologia.

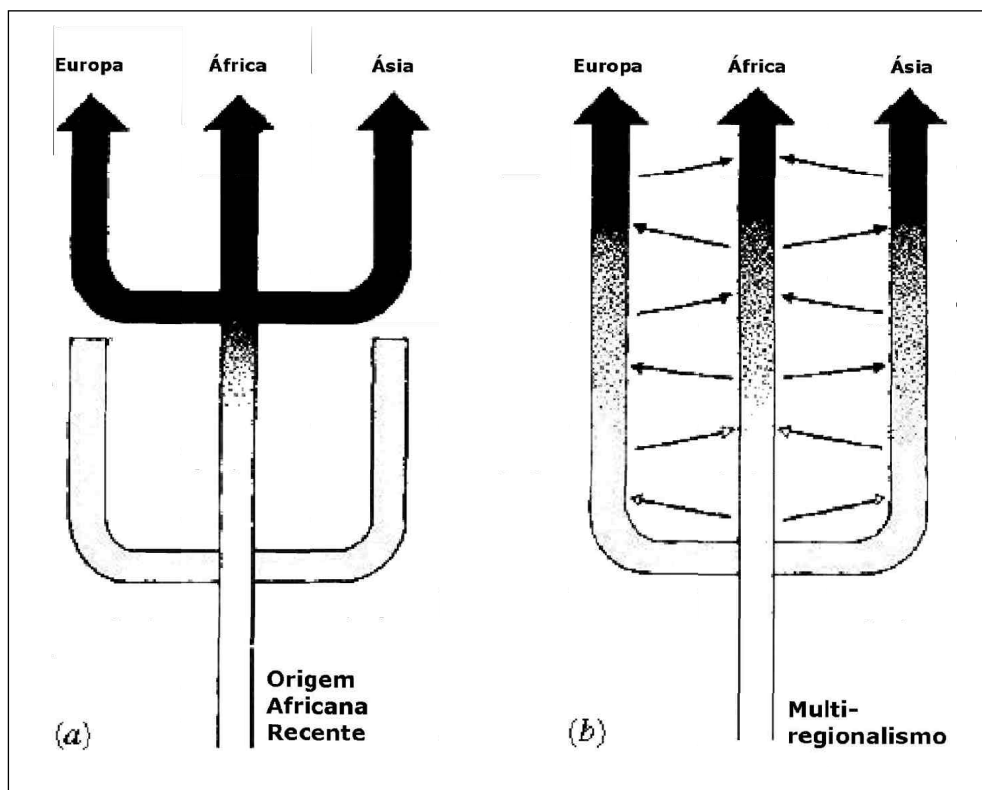


FIGURA 1. Os modelos em torno dos quais se polarizou, nas últimas décadas, o debate sobre as origens do homem moderno.



FIGURA 2. O abrigo sob rocha do Lagar Velho, visto de Norte, na altura da descoberta, em Dezembro de 1998. O triângulo indica a localização da sepultura infantil.



FIGURA 3. O esqueleto da criança do Lapedo, *in situ*, antes da remoção dos ossos, no final dos trabalhos de emergência de 1998.

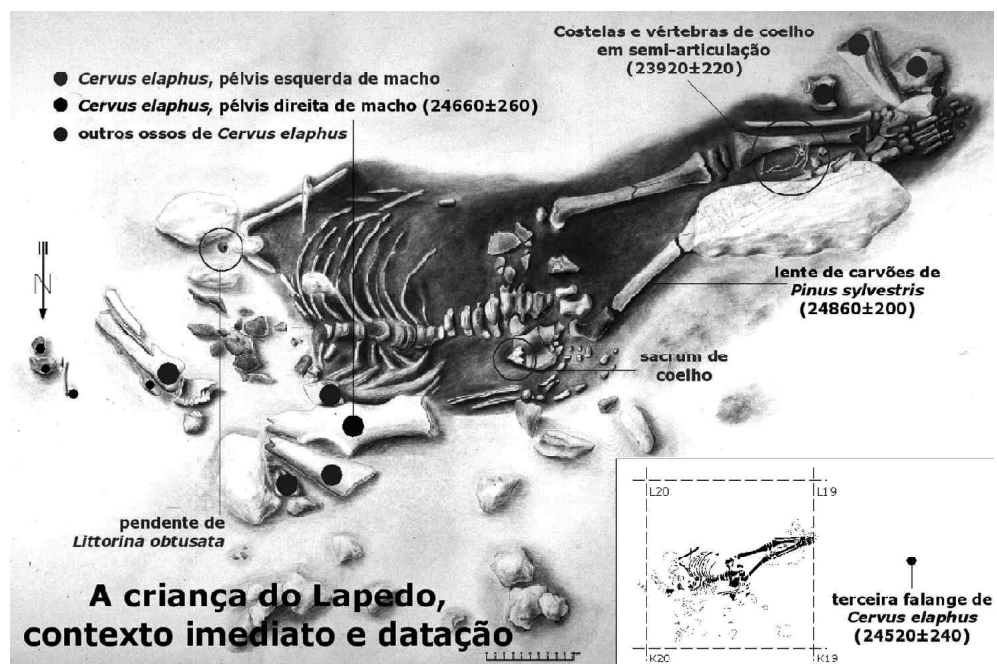


FIGURA 4. Contexto arqueológico e datação do esqueleto da criança do Lapedo.

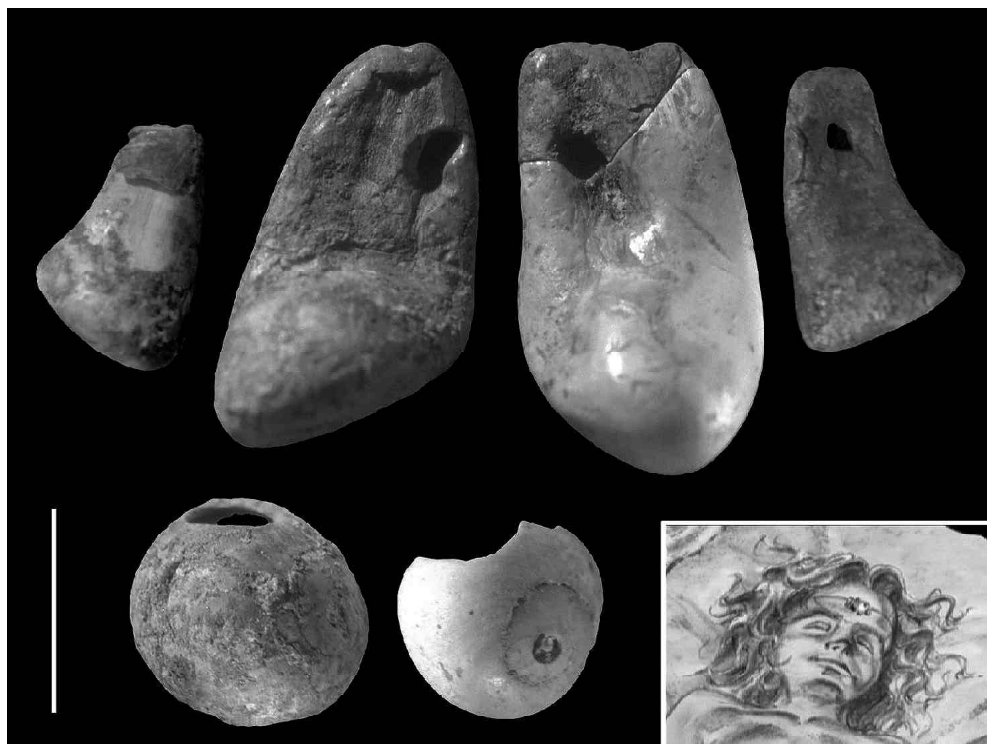


FIGURA 5. Os objectos de adorno pessoal associados à criança do Lapedo e reconstituição da sua possível utilização.



FIGURA 6. Fêmures e tíbias da criança do Lapedo.

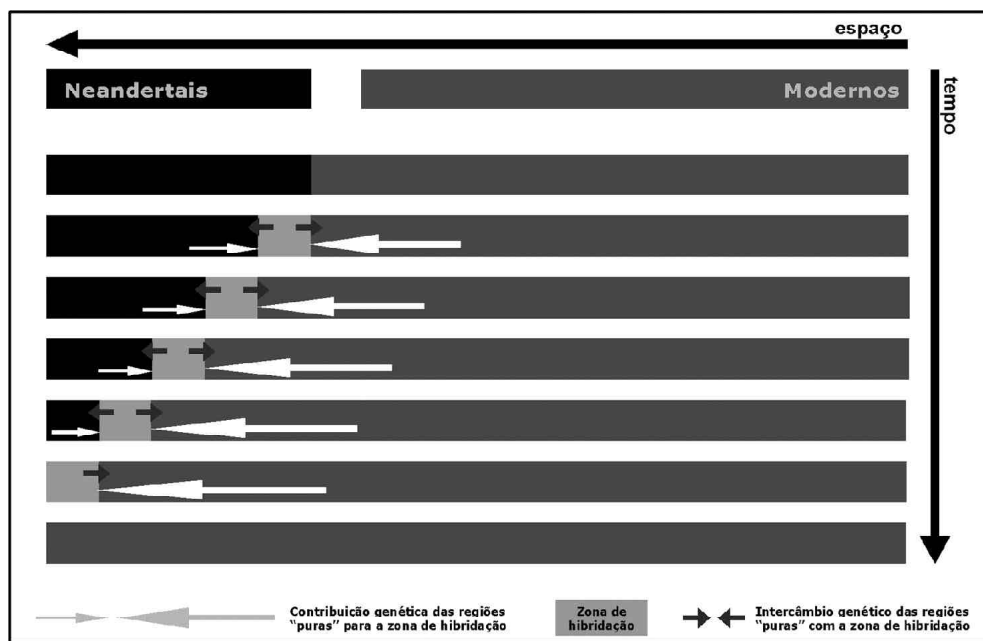


FIGURA 7. A “extinção” dos Neandertais como processo biogeográfico em que uma população demograficamente desfavorecida desaparece por absorção numa população de origem geográfica distinta, com potencial demográfico superior, e em expansão.



FIGURA 8. Entre cerca de 36 000 e cerca de 28 000 BP, a "fronteira do Ebro" separou estavelmente as últimas populações neandertalenses dos primeiros grupos modernos estabelecidos a norte dos Pirenéus.